

# ORÍGENES DE ALEXANDRIA



TRATADO SOBRE OS PRINCÍPIOS

2º LIVRO

## **FONTE DO TEXTO**

*academia.edu*

## **Imagem da Capa**

*Maltar*

Texto extraído do Vol. 30, «ORÍGENES - Tratado sobre os Princípios», da colecção "Patrística", editada por "PAULOS"

## 2º LIVRO

### O MUNDO E AS CRIATURAS

#### 1. O mundo

**1** Se bem que tudo o que tratamos no livro anterior diz respeito ao mundo e ao seu ordenamento, parece que agora é conveniente voltar em particular a alguns pontos que tratam do mundo em si mesmo, ou seja, seu início e seu fim, o que, entre o começo e o fim, dispõem as fases da divina providência, ou o que se pode supor das coisas antes do mundo ou depois do mundo.

A primeira coisa que aparece com evidência é que todo o seu estado se compõe, na sua variedade e diversidade, de naturezas racionais mais próximas do divino, e de diferentes corpos, mas ainda de animais que não falam, bichos selvagens, bestas, pássaros e tudo o que vive nas águas, e também de diversos lugares, o céu ou os céus, a terra, a água, e ainda o ar que está entre o céu e a terra, ou o que chamam éter, enfim, tudo o que procede e nasce da terra. Sendo tão grande a variedade do mundo, e tal diversidade nos próprios seres animados racionais, que parecem ser o motivo de toda a variedade e diversidade que existem nos outros seres, pode-se encontrar outra causa para a existência do mundo, sobretudo se considerarmos o fim que tudo restaurará ao estado inicial, segundo as discussões do livro precedente? Se tudo foi dito de modo coerente, pode-se encontrar outra causa que não seja a diversidade e variedade das ações e das quedas daqueles que caíram da unidade e da concórdia iniciais,[1] estado primitivo da sua criação por Deus, que se afastaram do estado de bondade do começo por suas perturbações e anseios de suas mentes, e dividiram essa bondade única e indistinta de sua natureza em várias qualidades das mentes, em decorrência da diversidade das suas tendências?

**2** Mas Deus, com a habilidade infável da sua sabedoria, transforma e restaura todas as coisas, seja qual for o modo como se produziram, para utilidade e proveito comum do todo; essas mesmas criaturas, tão afastadas umas das outras pela diversidade dos seus ânimos, ele as reconduz de certo

modo a um único acordo, nas suas atividades e intenções para, apesar da diversidade dos seus atos mentais, chegar ao cumprimento e à perfeição do único mundo e dirigir a própria variedade das mentes a um só e perfeito fim. É de fato único o poder que abrange e mantém toda a diversidade do mundo, e recolhe à unidade os movimentos variados, para impedir que tão imensa obra do mundo seja destroçada pelas divisões dos ânimos. É por isso que pensamos que Deus, pai de todas as coisas, para salvar todas as criaturas pelo infável meio da sua palavra e sabedoria, dispôs cada coisa de tal maneira que cada espírito, mente, ou seja como for que se chamem os seres racionais subsistentes, apesar da liberdade da vontade, não seja constrangido a fazer senão o que lhe ordena o ato da sua inteligência, pois, do contrário, parece que lhe seria retirada a faculdade do livre-arbítrio, e a qualidade da sua natureza seria totalmente modificada; mas ele preparou os diversos movimentos das suas intenções de modo adequado e com utilidade para assegurar a harmonia de um único mundo; assim, uns precisam de ajuda, outros podem ajudar, e outros levantam lutas e combates para os que têm condições de progredir e ficar mais firmes depois da vitória, recuperando e assegurando sua condição pelas dificuldades e esforços.

**3** Apesar de o estado do universo ser composto de diversas funções, não se deve julgar que ele esteja em desacordo e discrepância consigo mesmo; mas tal como em nós muitos membros se adaptam num só corpo, reunidos por uma só alma, assim também julgo que se pode compreender o mundo inteiro como um imenso e enorme animal, sustentado como que por uma alma pelo poder e razão divinos. Creio que se pode ler na Santa Escritura essa indicação, onde diz pelo profeta: “Não é verdade que eu preencho o céu e a terra? Diz o Senhor” (Jr 23,24). E também: “O céu é o meu trono e a terra o assento dos meus pés” (Is 66,1). E ainda essas palavras do Salvador quando proíbe jurar “nem pelo céu, que é o trono de Deus, nem pela terra que ela é o assento dos seus pés” (Mt 5,34). Do mesmo modo diz Paulo, pregando aos atenienses: “Nele nós vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). Como compreender que em Deus vivemos, nos movemos e somos, senão porque ele encerra e mantém todo o mundo pelo seu poder? Como compreender que o céu seja o trono de Deus e a terra o assento dos seus pés, como afirma o próprio Salvador, senão porque no céu e na terra o seu poder preenche o universo, conforme as suas palavras: “Não é verdade que eu preencho o céu e a terra?” Não creio que

haja nenhuma dificuldade, em face do que apresentamos, em aceitar que Deus, Pai de todos pelo seu poder, preencha e contenha plenamente o mundo universo. Mas, como a discussão anterior mostrou que as diversas ações e as variadas opiniões das criaturas racionais fossem a causa da diversidade do mundo, é preciso ver se não convém também a este mundo um fim semelhante ao seu começo. Não é de duvidar, de fato, que ele terá seu fim numa grande diversidade e variedade e que essa variedade, surpreendida nesse estado pelo fim do mundo, seria causa e ocasião das diversidades que caracterizarão o outro mundo que virá depois deste, sendo o fim deste mundo o início do mundo futuro.

**4** Se, no decurso desta discussão, encontramos essas coisas, parece agora conveniente tratar do que é a natureza corpórea, já que a diversidade do mundo não pode subsistir sem corpos. A própria realidade mostra que a natureza corporal sofre mudanças diversas e variadas para poder transformar-se em todas as coisas: assim, por exemplo, a madeira transforma-se em fogo, o fogo, em fumaça, e a fumaça, em ar; também o óleo, que é líquido, se transforma em fogo. Não se encontra a mesma causa de mudança nos próprios alimentos, tanto dos homens como dos animais? Porque, seja o que for que tomarmos como alimento, muda-se na substância do nosso corpo. Não seria difícil explicar como é que a água se muda em terra ou em ar, e o ar, por sua vez, em fogo, e o fogo, em ar, ou o ar, em água, mas aqui basta somente mencioná-lo para discutir a natureza da matéria corporal. Entendemos por matéria o substrato dos corpos, isto é, aquilo pelo qual os corpos subsistem com as qualidades que lhes são marcadas e inerentes. São quatro as qualidades: a quente, a fria, a seca e a úmida. Essas quatro qualidades, inseridas na *hylē*, isto é, na matéria, matéria que por sua vez é diferente das sobreditas qualidades, produzem os diversos tipos de corpos. Contudo, essa matéria, embora enquanto tal seja desprovida de qualidades, nunca pode ser encontrada sem qualidades.

Portanto, essa matéria é em quantidade e qualidade de tal modo suficiente para todos os corpos do mundo como Deus se quis dela servir para criar quaisquer formas e espécies que desejasse, quando dele recebe as qualidades que lhe quer impor; não entendo como tantos homens pensaram que ela era incriada, isto é, não feita pelo próprio Criador de tudo, mas a descreveram como tendo uma natureza e poder de origem fortuitas.

Admiro-me que estes acusam os que negam que Deus seja o criador e providência dessa universalidade, argumentando contra eles por serem ímpios, porque supõem a grande obra do universo sem artífice e sem quem o sustente, quando eles mesmos incorrem em acusação semelhante de impiedade quando dizem que a matéria é incriada e coeterna com o Deus incriado. Se seguimos o seu raciocínio e supomos, por exemplo, que a matéria não existia – como eles dizem ao afirmar que Deus não podia fazer nada se nada existisse –, sem dúvida Deus seria inativo,[2] não tendo matéria para trabalhar, matéria que eles pensam não ser o resultado da sua providência, mas o produto do acaso; e eles creem que o que se tivesse produzido por acaso poderia ser suficiente para a importância de tão grande obra e para receber o seu poder, e que pela sua sabedoria essa matéria poderia diferenciar-se e ser ordenada para formar um mundo. Isso me parece totalmente absurdo e próprio de homens que ignoram tudo do poder e da inteligência da natureza incriada. Mas, para poder considerar com mais atenção a explicação dessas coisas, concedamos por um momento que a matéria não existia e que Deus, quando nada existia, deu existência ao que quis. Que se deve pensar? Que essa matéria, que Deus fazia, que ele trazia à existência pelo seu poder e sabedoria, para que exista o que antes não era, fosse melhor, ou superior, ou de outro gênero, ou, pelo contrário, inferior e pior, ou semelhante e idêntica, a essa que tais pessoas chamam incriada? Penso que qualquer um compreenderá que nem uma matéria melhor nem uma pior teria podido receber as formas e as espécies deste mundo, se ela não fosse tal qual essa mesma que as recebeu. Não se mostra, pois, ímpio dizer que é incriado aquilo que, se se crê criado por Deus, se verá sem dúvida que é igual ao que é dito incriado?

**5** Para acreditar que tais coisas se apoiam na autoridade das Escrituras, eis como no *livro dos Macabeus*, quando a mãe dos sete mártires exorta um dos seus filhos a suportar os suplícios, se confirma essa doutrina, pois ela diz: “Peço-te, meu filho, olha para o céu, para a terra e tudo o que neles se contém, e que, à sua vista, saibas que Deus fez tudo isso quando antes não existia” (2Mc 7,28). E no livro do *Pastor*, no primeiro preceito, se diz: “Acredita primeiro que há um só Deus que tudo criou e dispôs, e fez que a partir do nada tivessem existência todas as coisas” (Herma 1,1). Talvez também a isso se refira o que se diz no livro dos Salmos: “Ele disse e tudo se fez, ordenou e tudo foi criado” (Sl 148,5). Essas palavras: “disse e

tudo se fez” parecem aplicar-se à substância do que é; mas, quando se diz: “ordenou e tudo foi criado”, parece ser dito das qualidades que dão forma à substância.

## **2. A eternidade da natureza corporal**

**1** Acerca desse tema, alguns se perguntam se a associação e proximidade que existe entre as naturezas racionais e a matéria corporal não se poderia entender do mesmo modo que o Pai gera o Filho e enuncia o Espírito Santo – não como se não existissem antes, mas porque o Pai é origem e fonte do Filho e do Espírito Santo, e neles não se pode pensar nada de um antes e depois. Para fazer uma busca mais completa e cuidadosa desde o início da discussão, passam por outro problema e se perguntam se essa mesma natureza corporal que serve de suporte à vida das inteligências espirituais e racionais e sustenta seus movimentos perdura na mesma eternidade com eles, ou se, ao contrário, se extinguirá e será completamente destruída. Para captar a questão em detalhe, parece que é preciso primeiro procurar se é possível que as naturezas racionais sejam totalmente não corporais quando alcançam o cume da santidade e da bem-aventurança, o que me parece muito difícil e quase impossível; ou se é necessário que estejam sempre unidas a corpos. Se se pudesse mostrar a razão que funda a possibilidade de essas almas ficarem completamente desprovidas de corpos pareceria coerente que a natureza corporal fosse criada a partir do nada por intervalos de tempo: tal como foi feita quando não existia, assim ela cessaria de ser quando sua função já não fosse útil.

**2** Se é realmente impossível fazer tal afirmação, isto é, sustentar que uma natureza poderia viver sem corpo, uma natureza que não fosse a do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é necessário pela razão tirar a consequência obrigatória de que é preciso compreender que as naturezas racionais foram criadas como o que é principal, mas que a substância corporal parece se distinguir delas somente pela opinião ou pela mente, e que ela foi feita para elas ou depois delas e que nunca elas viveram ou vivem sem ela porque a vida incorporeal corretamente se atribui como privilégio da Trindade. Como já dissemos acima, essa substância material tem uma natureza apta a se transformar de todas as coisas em tudo: quando é empregada pelos seres inferiores, toma a forma de um corpo mais espesso

e mais sólido e por aí se distinguem as espécies visíveis e variadas do mundo; mas, quando serve aos seres mais perfeitos e bem-aventurados, brilha no esplendor dos corpos celestes e adorna com a veste do corpo espiritual os anjos de Deus e os filhos da ressurreição, com os quais chega à perfeição o estado variado e diverso do único mundo.

Se, porém, se quer discutir esse assunto mais completamente, será preciso perscrutar as Escrituras divinas com mais atenção e diligência, com todo o respeito e reverência diante de Deus, para ver se, talvez, se possa encontrar sobre tais coisas um sentido secreto e escondido; ou, quando se reunirem muitos testemunhos deste tipo, que, no que está oculto e obscuro, o Espírito Santo se mostre aos que são dignos.

### **3. O começo do mundo e suas causas**

**1** É preciso, ainda, procurar saber se antes desse mundo existiu outro mundo, e, nesse caso, se ele foi semelhante a este, ou um pouco superior, ou inferior; ou se não houve mesmo mundo nenhum, mas um estado semelhante ao fim que, pensamos nós, virá depois de todas as coisas, quando o Reino será entregue a Deus Pai. Se, por outro lado, esse estado não foi o fim de outro mundo, isto é, daquele depois do qual este começou, então a queda das naturezas intelectuais, na sua diversidade, decidiu Deus criar este mundo de modo variado e diverso. Na minha opinião, entendo ainda que é preciso se perguntar se depois deste mundo haverá algum tratamento e correção, certamente mais ásperos e dolorosos para aqueles que se tenham recusado a obedecer à Palavra de Deus; mas para aqueles que nesta vida se dedicaram a essas coisas e limpam suas mentes, eles consistirão numa instrução e educação nas realidades inteligíveis que os farão chegar a uma compreensão mais rica e variada da verdade, tornando-os capazes de receber a sabedoria divina; e se o fim de todas as coisas sobrevirá imediatamente, ou se, para corrigir e emendar aqueles que têm necessidade, virá outro mundo parecido com este, ou, então, melhor, ou muito pior; e, seja qual for o mundo depois deste, quanto durará – e se existirá mesmo; e se alguma vez não haverá mundo nenhum, ou se alguma vez não houve nenhum mundo; ou se houve ou haverá muitos, e se haverá um mundo inteiramente igual e em tudo idêntico a outro.



**2** Para fazer ver com mais clareza se a matéria corporal subsiste somente por intervalos, e se, do mesmo modo que antes de existir não era, se desaparecerá e não existirá, vejamos primeiro se é possível alguém viver sem corpo. Se de fato algo pode viver sem corpo, todas as coisas podem viver sem corpo, pois o tratado anterior mostrou que tendem a um mesmo fim. Portanto, se todos os seres podem ser desprovidos de corpos, sem dúvida não haverá mais substância corporal, porque não terá serventia. Mas, como entendemos o que diz o Apóstolo naquela passagem em que discute a ressurreição dos mortos: “É preciso que o que é corruptível se revista de incorrupção, e que o que é mortal se revista de imortalidade. Quando o que é corruptível se tiver revestido de incorrupção e o que é mortal de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: a morte foi absorvida na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu ferrão? Com efeito, o ferrão da morte é o pecado, a força do pecado é a lei”[3] (1Cor 15,53-56). Tal parece ser, portanto, o pensamento do Apóstolo. Mas quando ele diz: isso é corruptível, aquilo é mortal, como se fosse algo que se pode tocar e mostrar, a que pode aplicar-se, se não à matéria corporal? Portanto, essa matéria do corpo, agora corruptível, se revestirá de incorrupção, quando a alma perfeita, instruída pelas doutrinas da incorrupção, tiver começado a utilizá-la.

Não nos admiremos de chamar vestimenta do corpo a alma perfeita aqui chamada de incorrupção por causa da Palavra e da Sabedoria de Deus. Com efeito, daquele que é o Senhor e Criador da alma, Jesus Cristo, se diz que é uma veste para os santos, conforme as palavras do Apóstolo: “Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14). Como Cristo é uma veste para a alma, assim, por certa razão fácil de entender, a alma é chamada veste do corpo. Ela é seu ornamento, que esconde e cobre sua natureza mortal. Assim, aquilo que se diz: “É preciso que o que é corruptível se revista de incorrupção”, é como se dissesse: é preciso que essa natureza corruptível do corpo receba a veste da incorrupção, que é a alma que tem em si a incorrupção, porque certamente ela se revestiu de Cristo, Sabedoria e Palavra de Deus. Quando esse corpo, que um dia possuiremos numa forma mais gloriosa, participar da vida, chegará ao que é imortal, de tal modo que se tornará incorruptível. O que é mortal é por isso mesmo corruptível, mas não se pode dizer que o que é corruptível seja por isso mesmo mortal. Dizemos que a pedra e a madeira são corruptíveis, mas daí não se segue que

se possam chamar mortais, pois nunca tiveram vida. Contudo, dizemos que o corpo que participa da vida é mortal, porque pode ser afastado da vida, e de fato o é, e, sob outro ponto de vista, também dizemos que é corruptível.

Considerando em primeiro lugar a condição geral da matéria corporal da qual a alma se serve (seja qual for a quantidade em que tal matéria se encontre, atualmente na qualidade carnal, mas mais tarde noutra qualidade sutil e mais pura, chamada espiritual), diz de modo admirável o Apóstolo: “É preciso que o que é corruptível se revista de incorrupção”. E depois diz, considerando a condição especial do corpo: “é preciso que o que é mortal revista a imortalidade” (1Cor 15,53). A incorrupção e a imortalidade serão diferentes da Sabedoria, da Palavra e da Justiça de Deus, que formam a alma, a vestem e ornamentam? É assim que se diz que o que é corruptível reveste a incorrupção e o que é mortal reveste a imortalidade. Mesmo que sejam grandes nossos progressos, por enquanto, o que é corruptível ainda não se revestiu de incorruptibilidade, e o que é mortal ainda não se vestiu de imortalidade, porque conhecemos em parte, e em parte profetizamos, e porque vemos através de um espelho, num enigma, aquilo que parece que entendemos (cf. 1Cor 13,9); por isso se diz que: “é preciso que o que é corruptível se revista de incorrupção e o que é mortal de imortalidade, porque sem dúvida se prolonga demais a nossa instrução no corpo, até que os próprios corpos que nos envolvem mereçam a incorrupção e a imortalidade pela Palavra de Deus, pela sua sabedoria e perfeita justiça”.

**3** Contudo, aqueles que pensam que as criaturas racionais podem viver sem corpos, podem neste ponto argumentar. Se é verdade que o que é corruptível revestirá a incorrupção e o que é mortal a imortalidade, e que no fim a morte será absorvida, isso não quer dizer senão a completa destruição da natureza material, sobre a qual a morte podia ter certa ação, uma vez que a acuidade intelectual dos que estão no corpo parece embotada pela natureza da matéria corporal. Se são despojados do corpo, escapam aos embaraços causados por esse gênero de perturbações. Porém, como não podem desembaraçar-se de repente de todo revestimento corporal, pensa-se que devem primeiro permanecer em corpos mais sutis e puros, que já não podem ser vencidos pela morte nem feridos pelo agulhão da morte; desse modo, a natureza material vai se esbatendo progressivamente, a morte será absorvida e finalmente destruída, e seu agulhão será totalmente repellido

pela graça divina da qual a alma se tornou capaz, merecendo obter a incorrupção e a imortalidade. Então será dito por todos: “Ó morte, onde está a tua vitória? Onde está, morte, o teu aguilhão? Porque o aguilhão da morte é o pecado” (1Cor 15,55). Se todas essas coisas parecem bem argumentadas, só nos resta acreditar que um dia estaremos num estado incorporeal. Se isso se aceita e se está dito que todos serão submetidos a Cristo, é preciso que essa asserção também seja aplicada a todos aos quais se estende a submissão a Cristo, porque todos aqueles que estão submetidos a Cristo estarão no fim também submetidos a Deus Pai, a quem, segundo a Escritura, Cristo transmitirá o Reino, e assim parece que cessará o uso dos corpos. Cessando, voltará ao nada onde antes estava.

Vejam, porém, o que acontece aos que assim argumentam; se a natureza corporal for destruída, parece que será necessário restaurá-la e criá-la uma segunda vez; parece de fato impossível que as naturezas racionais, às quais nunca foi retirada a faculdade do livre-arbítrio, possam de novo ficar sujeitas a certas mudanças, com a permissão de Deus, não seja caso que, se ficassem sempre em estado de imobilidade, esqueçam que a sua manutenção no estado final de bem-aventurança vem da graça de Deus e não da sua virtude. Essas mudanças sem dúvida acarretariam a variedade e a diversidade dos corpos, que sempre adornam o mundo, porque nunca um mundo poderá ser composto de outra coisa a não ser da variedade e diversidade, e isso de modo nenhum pode ser feito sem a matéria corporal.

**4** Quanto aos que defendem a sucessão de mundos equivalentes e em tudo semelhantes, não sei sobre que fundamentos se apoiam. Com efeito, se nos representamos um mundo perfeitamente semelhante a outro, será de tal modo que Adão e Eva farão de novo o que já fizeram, que haverá de novo o dilúvio, que o mesmo Moisés fará sair outra vez do Egito uma população de seiscentos mil; Judas vai trair o Senhor pela segunda vez, Paulo vai segurar outra vez as roupas dos que apedrejavam Estêvão, e tudo o mais que se passou nesta vida acontecerá de novo. Não vejo com que argumento isso possa sustentar-se, se as almas agem com livre-arbítrio e seus progressos ou seus recuos procedem conforme o poder de suas vontades. As almas não são determinadas a fazer ou a desejar isto ou aquilo por um movimento que retorna a si mesmo segundo os mesmos ciclos depois de tantos séculos, mas

elas se dirigem, no decurso de seus atos, lá para onde tendem livremente suas disposições.

Tais afirmações são como as de alguém que quisesse garantir que fosse possível deitar à terra grande quantidade de grãos de trigo, e que um segundo lançamento seja em tudo igual ao primeiro, que cada grão reencontre os mesmos lugares, segundo a mesma ordem e as mesmas figuras que aquelas que formavam quando foram dispersos antes; considerando a quantidade inumerável de grãos, é absolutamente impossível que tal aconteça, mesmo que se recomeçasse essa operação indefinida e continuamente ao longo de incontáveis séculos. Parece-me igualmente impossível que um outro mundo possa ser restabelecido na mesma ordem e do mesmo modo no que toca ao nascer, morrer e agir; podem existir diversos mundos, mas com mudanças consideráveis, de tal modo que se possa atribuir a causas evidentes que o estado de um mundo é melhor do que o de outro, ou, conforme os casos, pior ou equivalente.[4] Confesso minha ignorância: não sei em que medida e de que modo isso possa acontecer, e, se alguém puder me explicar de boa vontade, aprenderei.

**5** Na verdade, este mundo, segundo se diz, chegou depois de muitos séculos, e ele mesmo é chamado de século. O santo Apóstolo ensina que Cristo não sofreu no século que precedeu este, nem naquele que veio antes do anterior, e nem sei se poderia contar quantos os séculos anteriores em que ele não sofreu. Direi, pois, as palavras que Paulo usou para que isso se possa entender: “Agora, uma só vez, na consumação dos séculos, ele se manifestou para repelir o pecado, fazendo-se vítima” (Hb 9,26). De fato, ele só diz uma vez que se fez vítima e se manifestou no fim dos séculos para repelir o pecado.

Mas depois deste século, que, segundo Paulo, foi feito como a consumação dos outros séculos, virão outros séculos, o que aprendemos também claramente pelo mesmo Paulo: “A fim de mostrar aos séculos que não de vir as riquezas superabundantes da sua graça pela bondade que tem conosco” (Ef 2,7). Ele não disse: no próximo século; nem: em dois séculos; mas: nos séculos que não de vir; donde suponho que esta palavra indica uma multidão de séculos.

As criaturas deste mundo podem entender-se nos séculos; mas as outras, que ultrapassam e transcendem as criaturas visíveis, há alguma coisa maior do que os séculos; se assim for, é preciso entender o que se passará talvez na restauração de todas as coisas, quando o universo chegará ao seu fim perfeito, e haverá provavelmente que perceber uma realidade superior ao século, na qual se produzirá a consumação de tudo. O que me leva a acreditar nisso é a autoridade da Santa Escritura, que diz: “Neste século e mais além” (Sl 113,26; Tb 13,18).[5] Por essa expressão, “mais além”, quer compreender, sem dúvida, alguma coisa mais do que um século. Repare-se no que diz o Salvador: “Eu quero que, onde eu estiver, estes estejam comigo” (Jo 17,24), e também: “Como tu e eu somos um, para que também estes estejam conosco” (Jo 17,21), e vê se ele não parece mostrar uma realidade maior do que o século ou os séculos, talvez até maior do que os séculos dos séculos, a saber: o que haverá quando todas as coisas não estiverem mais neste século, mas Deus seja tudo em todos.

**6** Depois de ter discutido, conforme a nossa capacidade, o que pertence à ordem deste mundo, não parecerá inconveniente procurar o que quer dizer o termo “mundo”, que frequentemente se encontra nas Santas Escrituras com significações diversas. O que em latim chamamos *mundus*, em grego diz-se *kosmos*; contudo, a palavra não significa apenas mundo, mas também ornamento. De fato, quando Isaías repreende as mulheres nobres de Sião, diz: “Em lugar do ornamento de ouro da cabeça, terás a calvície por causa das tuas obras” (Is 3,17); aí ornamento se diz com a mesma palavra que mundo, isto é, *kosmos*. Diz-se também que, na indumentária do Sumo Sacerdote, estava contida a explicação do mundo, conforme o que se encontra na *Sabedoria* de Salomão: “Nas vestes do sacerdote estava o mundo inteiro” (Sb 18,24). Chama-se também mundo este nosso orbe terrestre com seus habitantes, conforme diz a Escritura: “O mundo inteiro está sob o poder do maligno” (1Jo 5,19). Clemente, discípulo dos apóstolos, lembra os antípodas, aqueles que são chamados pelos gregos de *antíchthonas*, e outras partes do globo terrestre onde nenhum de nós pode chegar, nem nenhum dos que lá habitam pode vir até nós, e também lhes chama mundos, quando diz: “O oceano não pode ser atravessado pelos homens, tal como os mundos que estão do outro lado e são governados pelas mesmas disposições do soberano Deus” (1Clem 20,8). Chama-se ainda mundo este universo composto pelo céu e pela terra, como diz Paulo:

“O estado deste mundo passará” (1Cor 7,31). Com razão, nosso Senhor e Salvador designa também um mundo que não é o visível e que é verdadeiramente difícil de descrever e de caracterizar. De fato, ele diz: “Eu não sou deste mundo” (Jo 17,14). Como se fosse de algum outro mundo, afirma: “não sou deste mundo”. Acabamos de dizer que é difícil de explicar o que é este mundo, não seja o caso que alguns não encontrem aí pretexto para entender que com isso afirmamos a existência de certas imagens que os gregos chamam ideias; mas é completamente alheio ao nosso modo de pensar falar de um mundo não corpóreo que só tem consistência na fantasia ou em pensamentos escorregadios; e não vejo como é que podem afirmar que daí vem o Salvador ou que para lá irão os santos. Contudo, não se duvida de que o Salvador não nos indique algo mais brilhante e esplêndido que o mundo presente, e que, para desejá-lo, convide e exorte aqueles que creem nele. Mas é incerto se tal mundo que nos quer sugerir está separado deste, muito afastado dele pelo lugar, pela qualidade e pela glória, ou se apenas o ultrapassa em glória e em qualidade, mas ficando contido dentro dos limites deste mundo – o que me parece mais verossímil; e me parece que não cabe nos pensamentos e mentes dos humanos. Contudo, o que Clemente sobre isso nos parece indicar quando diz: “O oceano não pode ser atravessado pelos homens do mesmo modo que os mundos que estão além dele”, falando no plural dos mundos que estão além dele e que se representam como dirigidos e governados pela mesma providência de Deus supremo, parece nos lançar alguns germes de compreensão, sugerindo que todo o universo, de tudo o que é e subsiste, das realidades celestes e supracelestes, terrestres e infernais, forma no sentido geral um só mundo perfeito no qual e pelo qual se supõe que os outros, se os há, estão contidos.

Por isso, alguns sustentam que os globos da lua, do sol e dos outros astros chamados planetas são, cada um, chamados mundos; mas também querem chamar mundo no sentido próprio o globo que os ultrapassa, e que é chamado fixo (*aplanē*). Invocam, como testemunha dessa asserção, o livro do profeta Baruc,[6] que claramente fala de sete mundos ou céus. Querem que, acima dessa esfera que dizem ser fixa, haja uma outra que, sendo imensa em sua grandeza, em seu abraço inefável, contém os espaços de todas as outras esferas de modo magnífico, tal como para nós o céu contém tudo o que está abaixo dele. Assim todas as coisas estariam no interior dessa esfera, da mesma maneira que a nossa terra está sob o céu. O que as

santas Escrituras chamam, cremos, boa terra e terra dos vivos (Sl 26,13) tem como céu aquele de que falamos antes, o céu no qual, segundo a palavra do Salvador, estão escritos, ou foram escritos, os nomes dos santos, e este céu encerra e abraça esta terra que o Salvador no Evangelho prometeu aos pacíficos e aos bondosos (Mt 5,5-9). Esses tais querem que a nossa terra, cujo primeiro nome era “árida” (Gn 1,10), tenha tirado o seu nome dessa outra, tal como o firmamento, o nosso céu, foi designado pelo mesmo termo que esse céu. Trataremos dessa questão mais completamente quando procurarmos o sentido de: “No princípio fez Deus o céu e a terra” (Gn 1,1). Outro céu e outra terra são indicados e não o que foi feito, segundo a Escritura, dois dias depois – a árida, depois chamada terra.

Certamente, alguns dizem deste mundo que ele é corruptível porque foi feito, mas que, no entanto, ele não se corrompe, porque mais forte e mais poderosa do que a corrupção é a vontade de Deus, que a fez e mantém, para que a corrupção não o domine. Seria, porém, mais exato pensar nisso a respeito desse mundo a que chamamos esfera fixa (*aplanē*), porque pela vontade de Deus ele não é em nada sujeito à corrupção, pois não recebeu as causas da corrupção. Na realidade, esse mundo pertence aos santos, aqueles que foram completamente purificados, e não aos ímpios, como o nosso. Talvez se possa dizer, no que se refere a este assunto, o que diz o Apóstolo: “A nós que não olhamos para o que se vê, mas para o que não se vê, porque o que se vê é temporal, e o que não se vê é eterno; sabemos com efeito que, se a nossa morada terrestre, em que habitamos, se dissolve, temos uma edificação feita por Deus, uma casa não construída pelas mãos, eterna, nos céus” (2Cor 4,18-5,1). E em outro lugar diz: “Pois verei os céus, obra de teus dedos” (Sl 8,4); e Deus declara pelo profeta, a respeito de tudo o que é visível: “A minha mão fez tudo isso” (Is 66,2), e afirma ainda que essa casa eterna, prometida aos santos nos céus, não foi feita pela mão, mostrando que há sem dúvida uma diferença entre a criação do que se vê e a do que não se vê. Pois não se entende do mesmo modo o que diz sobre o que se vê, e sobre o que não se vê. Porque o que é invisível não só não se vê, mas também não se pode ver – o que em grego se diz *asōmata*, quer dizer, incorporais. As coisas das quais Paulo diz que não se veem, por natureza podem ser vistas, mas, pelo que ele expõe, isso ainda não é possível para aqueles que receberam a promessa.[7]

7 Esboçamos conforme pudemos entender essas três opiniões sobre o fim de todas as coisas e a felicidade suprema; que cada leitor julgue por si mesmo, com diligência e cuidado, se pode aceitar e escolher uma delas. Está escrito que se supõe que a vida não corporal seja possível quando tudo for submetido a Cristo e por Cristo a Deus Pai, quando Deus for tudo em todos; ou então, quando tudo tendo sido submetido a Cristo e por Cristo a Deus, com quem as naturezas racionais formarão um só espírito, uma vez que elas são espíritos, também a substância corporal associada a espíritos excelentes e puríssimos brilhará, mudada em um estado etéreo segundo a qualidade e os méritos daqueles que a assumem, segundo esta palavra do Apóstolo: “Também nós seremos mudados” (1Co 15,22); ou ainda que, quando a condição das coisas que se veem tiver passado, toda corruptibilidade tendo sido rejeitada e purificada e todo o estado deste mundo, onde se diz que se encontram as esferas dos planetas, tendo sido ultrapassado e superado, é acima da esfera dita fixa que a morada dos piedosos e dos bem-aventurados será estabelecida, como numa terra boa e terra dos vivos, que os pacíficos e os moderados receberão por herança. Dela é o céu que envolve e contém esta terra como num espaço mais magnífico, e também o que é chamado céu, no seu primeiro sentido; nesses céu e terra terão lugar estável o fim de tudo e a perfeição final e completa; lá estarão, nesses céus, ou reinos dos céus, os que o merecerem, depois de terem sido corrigidos e purificados de seus delitos; e quando tudo tiver sido cumprido e expiado, também os que obedeceram à Palavra de Deus e se mostrarem capazes e merecedores de receber a Sabedoria que seguiram. Assim se cumprirão as palavras: “Bem-aventurados os moderados, porque em herança receberão a terra” e “bem-aventurados os pobres em espírito, porque herdarão o reino dos céus” (Mt 5,3.5), e o que diz o salmo: “e te exaltarei para que a terra seja tua herança” (Sl 36,34). Para esta terra diz-se descer, para aquela terra que está no alto diz-se subir. Parece assim que, para os progressos dos santos, se abre um caminho desta terra para esses céus; parece que não deverão ficar nesta terra, mas apenas habitá-la, para passar em seguida, quando tiverem feito algum progresso, à herança do reino dos céus.

#### **4. O Deus da Lei e dos profetas é o mesmo que o Pai do Senhor Jesus Cristo**



**1** Agora que tratamos esses assuntos segundo a ordem requerida e o mais resumidamente possível, resta-nos, conforme nossa primeira intenção, refutar aqueles que pensam que o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo não é o mesmo Deus que respondia a Moisés sobre as questões da Lei e enviava os profetas, o Deus dos patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó. É preciso primeiro nos confirmar nessa doutrina da fé. Consideremos, portanto, o que é muitas vezes dito no Evangelho e referido em relação com cada um dos atos do Nosso Senhor e Salvador: “Para que se cumpra o que foi dito pelo profeta” (Mt 2,15; 4,14...), por tal ou qual profeta, porque é evidente que se trata dos profetas de Deus, que fez o mundo. Em consequência, conclui-se que aquele que enviou os profetas também predisse o que se devia com antecedência dizer sobre Cristo. Não se duvida de que isso não foi predito por quem lhe fosse estranho, mas pelo seu próprio Pai. E o fato de que o Salvador e os seus apóstolos frequentemente tomam exemplos do Antigo Testamento não indica senão a autoridade que o Salvador e seus discípulos conferiam aos antigos.

Esta frase do Salvador exortando os seus discípulos ao que é melhor: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito, ele que faz levantar-se o sol sobre os bons e os maus e chover sobre justos e injustos” (Mt 5,48), sugere a todo o homem, mesmo ao de pouca inteligência, como uma ideia por demais evidente, que ele não propõe para imitação pelos seus discípulos outro Deus a não ser o criador do céu, aquele que distribui as chuvas. Aquele que nos diz que devemos rezar “Pai nosso que estais nos céus” será que não quer nos mostrar outra coisa a não ser Deus, que devemos procurar no que há de melhor no mundo, ou seja, nas suas criaturas? E, quando deu excelentes preceitos sobre os juramentos, e que disse que não se devia jurar “nem pelo céu, que é o trono de Deus, nem pela terra, que é o assento dos seus pés”, não está claramente de acordo com as palavras proféticas: “O céu é o meu trono, e a terra, o assento dos meus pés” (Is 61,1)? Quando expulsa do templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas e derruba as mesas dos cambistas dizendo: “Levem tudo isto daqui e não façam da casa de meu Pai uma casa de comércio” (Jo 2,16), sem dúvida chamava Pai àquele a cujo nome Salomão tinha construído o magnífico templo. E também o que diz: “Não lestes o que Deus disse a Moisés – eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó? Com efeito, ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mt 22,32), ensinando-nos muito claramente que ao Deus dos

patriarcas, porque eles eram santos e viviam como tais, chama Deus dos vivos, esse Deus que tinha dito pelos profetas: “Eu sou Deus e não há outro Deus além de mim” (Is 46,9). Porque o Salvador, sabendo que o Deus de Abraão é aquele de quem está escrito na Lei, e que é o mesmo que aquele que diz: “Eu sou Deus e não há outro Deus além de mim”, reconhecendo como seu Pai aquele que ignora outro Deus acima dele; como dizem os hereges, ele diz então um absurdo ao declarar seu Pai aquele que ignora esse Deus superior. Mas, se não o ignora, mas engana dizendo que não há outro Deus além dele, é um absurdo ainda maior ver Cristo reconhecer um mentiroso como seu Pai. De tudo isso se conclui que ele não reconhece outro Pai a não ser o Deus que fez e criou todas as coisas.

**2** Seria demorado demais se recolhêssemos dos Evangelhos todas as passagens em que se ensina que o Deus da Lei e o dos Evangelhos é o mesmo. Prestemos brevemente atenção, porém, a essa passagem dos atos dos apóstolos que mostra Estêvão e os apóstolos dirigindo suas preces ao Deus que fez o céu e a terra e que falou pela boca dos seus santos profetas, chamando-o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus que tirou seu povo da terra do Egito. Essas palavras sem dúvida dirigem o nosso pensamento para a fé e o amor no Criador por aqueles que aprenderam tais coisas a seu respeito com piedade e fidelidade. O próprio Salvador, quando lhe perguntaram qual era o maior mandamento da Lei, assim respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a alma e toda a inteligência. O segundo mandamento é semelhante: amarás teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,36-40). E acrescentou: “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas”. Como é que – àquele que ensinava e convidava para ser seu discípulo – ele recomenda este preceito antes de todos os outros, este preceito que sem dúvida convida a amar o Deus da Lei, já que tudo isso foi dito pela Lei nos mesmos termos (Dt 6,5; Lv 19,18)? Suponhamos, porém, apesar dessas provas tão evidentes, que tenha sido de não sei que outro deus que o Salvador tenha dito “amarás o Senhor com todo o teu coração” e as outras coisas de que falamos. Se a Lei e os profetas são obra do Criador, isto é, no dizer dos hereges, de outro deus que não aquele que apresentam como o Deus bom, como conciliar com isso o que Cristo acrescenta, que a Lei e os profetas dependem desses dois mandamentos? Como o que é alheio e distante de Deus pode depender de Deus? Quando Paulo diz: “Dou graças ao meu

Deus, que sirvo de consciência pura, como meus antepassados” (2Tm 1,3), mostra claramente que não veio até Cristo para ir a um Deus novo. Como devem esses antepassados de Paulo ser entendidos, a não ser como aqueles de quem ele mesmo diz: “Hebreus, e eu também, israelitas, e eu também” (2Cor 11,22). Mas o próprio prefácio da sua Carta aos Romanos não mostra com cuidado, àqueles que sabem compreender as cartas de Paulo, qual é esse Deus que Paulo anuncia? Com efeito, ele diz: “Paulo, servidor de Jesus Cristo, chamado apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus, que Deus prometeu nas santas Escrituras a respeito do seu Filho, esse Filho que se fez carne pela semente de Davi, que destinou como Filho de Deus em poder segundo o Espírito de santificação pela ressurreição dos mortos, Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 1,1-4). Pode-se ainda citar esta palavra: “Não colocar a flocina no boi que pisa o grão: mas Deus se preocupa com os bois! Onde é que ele o diz a nós? Para nós isso está realmente escrito, porque aquele que lava deve lavar com a esperança e aquele que pisa na eira com a esperança de recolher” (Dt 25,4; 1Cor 9,9-10). Paulo quer evidentemente mostrar aqui o que o Deus que dá a Lei disse para nós, isto é, para seus apóstolos: “Tu não colocarás flocina no boi que pisa o grão”, porque não era com os bois que ele se preocupava, mas com os apóstolos que pregavam o Evangelho de Cristo.

Em outra passagem, diz o mesmo Paulo ao considerar as promessas feitas pela Lei: “Honra teu pai e tua mãe, que é o primeiro mandamento da promessa, para que tudo te corra bem e tenhas longa vida na terra, a boa terra que te dará o Senhor teu Deus” (Ef 6,2). Aqui ele declara sem dúvida que aceita a Lei, como também o Deus da Lei e suas promessas.

**3** Mas como às vezes os defensores dessa heresia têm o costume de enganar com sofismas capciosos os corações dos mais simples, não acho fora de propósito expor os seus raciocínios usuais, para refutar seus enganos e mentiras. Dizem eles que está escrito: “Nunca ninguém viu Deus” (Jo 1,18). Ora, esse Deus que Moisés anunciou, o próprio Moisés o viu, e antes dele, os patriarcas; mas aquele que o Salvador anuncia absolutamente ninguém o viu. Perguntemos então se aquele que reconhecem como Deus e que eles dizem que não é o Deus Criador, eles creem que é visível, ou invisível. Se disserem que é visível, reprovaremos por um lado que contradigam a Escritura que chama o Salvador “imagem do Deus invisível,

primogênito de todas as criaturas” (Cl 1,15); e por outro lado, que caiam no absurdo de dizer que Deus tem corpo. Porque nada pode ser visto senão pela sua forma, grandeza e cor, que é o próprio dos corpos. E se afirma que Deus é corpo, conseqüentemente Deus seria feito de matéria, uma vez que todos os corpos são feitos de matéria; mas se ele fosse feito de matéria, Deus seria, segundo eles, como a matéria é corruptível, também corruptível. Perguntamos então de novo: a matéria foi feita, ou é incriada, isto é, não feita? E se eles disserem que não foi feita, isto é, que não é criada, questionaremos: se Deus é uma parte da matéria, e o mundo outra parte? Se responderem que a matéria foi feita, sem dúvida reconhecem que aquele a quem chamam Deus foi feito, o que certamente nem a doutrina deles nem a nossa admitem.

Dizem, porém: Deus é invisível. Mas o que decidis? Se dizeis que é invisível por natureza, não será visível nem pelo Salvador. Mais ainda, o Deus Pai de Cristo pode ser visto porque, segundo a Escritura, “quem viu o Filho viu também o Pai” (Jo 14,9). Essa palavra, que vos incomoda tanto, nós a entendemos não tanto pela visão, mas pela compreensão. Aquele que compreendeu o que é o Filho, compreendeu o que é o Pai. É assim que entendemos que Moisés viu Deus, não o vendo com os olhos carnis, mas compreendendo-o pela visão do coração e o sentido da inteligência, e mesmo assim só em parte. De fato, está claramente expresso que “não a face, mas por detrás me verás” (Ex 33,23). Tudo isso se deve compreender segundo o mistério que convém às palavras divinas, certamente rejeitando e desprezando essas historietas de comadres, obras de ignorantes que fantasiavam um Deus com rosto e costas. Que ninguém nos atribua um pensamento ímpio quando dizemos que Deus não é visto nem pelo Salvador, mas que considere a distinção que devemos usar para tratar com os hereges. Dissemos de fato que uma coisa é ver e ser visto, e outra coisa é entender e ser entendido, ou conhecer e ser conhecido. Ver e ser visto é próprio dos corpos, e não pode ser aplicado adequadamente às relações recíprocas entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Porque a natureza da Trindade excede as capacidades da vista, ao mesmo tempo que concede a todos os seres corporais, isto é, a todas as outras criaturas, a possibilidade de ver nas suas relações recíprocas; mas a uma natureza não corporal, e sobretudo a uma natureza intelectual, só convém o entender e ser entendido, conforme essa palavra do Salvador: “Ninguém conhece o Filho a não ser o

Pai, nem o Pai a não ser o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,27). Ele, muito claramente, não disse: “Ninguém vê a não ser o Filho”, mas: “Ninguém conhece a não ser o Filho”.

**4** Mas, se por causa do que diz o Antigo Testamento, acerca de Deus que se encoleriza, ou se arrepende, ou experimenta outra paixão humana, os hereges pensam ter com que nos refutar, pois afirmam que devemos pensar em Deus como perfeitamente impassível e isento de todo sentimento desse tipo, é preciso mostrar-lhes que, mesmo nas parábolas evangélicas, se encontram expressões semelhantes, como o exemplo daquele que plantou uma vinha e a alugou a colonos, os quais mataram os servos que ele enviou, e acabaram assassinando até o filho que ele tinha enviado, e dele se diz que entrou em cólera, lhes retirou a vinha, mandou assassinar esses maus agricultores, e confiou a vinha a outros colonos, dispostos a lhe entregar os frutos no devido momento (Mt 21,33-41). Podemos citar também esses cidadãos que, depois que o pai de família partiu para receber seu reino, enviaram emissários atrás dele dizendo: não queremos que reine sobre nós; e quando ele voltou depois de ter recebido o reino, o pai de família irritado mandou-os matar na sua presença e destruiu sua cidade pelo fogo (Lc 19,11-27). Mas nós, quando lemos, quer no Antigo quer no Novo Testamento, que se fala da cólera de Deus, não tomamos à letra o que se diz, mas procuramos ali uma compreensão espiritual, para pensar a respeito de Deus o que se deve entender de forma digna. Quando comentamos o versículo do Salmo 2: “Então lhes falará em sua ira, e os aterrorizará com o seu furor” (Sl 2,5), mostramos conforme pudemos como isso devia ser entendido.

## **5. O justo e o bom**

**1** Mas, uma vez que alguns se perturbaram porque os líderes dessa heresia parecem ter separado o justo do bom, declarando que o justo é uma coisa e que o bom é outra, e também aplicaram essa distinção à divindade, afirmando que o Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é bom e que o Deus da Lei e dos profetas é justo mas não é bom, creio que é preciso responder a essa questão o mais brevemente que puder.

Pensam, com efeito, que a bondade é um sentimento tal que deseja o bem para todos, mesmo se o beneficiado é indigno dele e não merece obter o bem; parece-me, porém, que eles não usaram corretamente tal definição pensando que aquele a quem acontece algo de doloroso e triste não recebe o bem. Consideram a justiça como um sentimento que retribui a cada um conforme o seu mérito. Mas também aqui não interpretam corretamente o sentido da sua definição. Com efeito, pensam que é justo fazer o mal aos maus e o bem aos bons, isto é, segundo a definição deles, o justo parece que não desejaria o bem para os maus, mas está animado de certo rancor contra eles; e recolhem dessa forma tudo o que podem encontrar nas narrativas do Antigo Testamento, por exemplo, o castigo do dilúvio e dos que nele desapareceram, a devastação de Sodoma e Gomorra por uma chuva de fogo e enxofre, a morte no deserto por causa dos pecados de todos os que deixaram o Egito, de tal modo que nenhum pôde entrar na terra das promessas a não ser Josué e Caleb. Juntam as palavras de misericórdia e de piedade do Novo Testamento, em que o Salvador ensina os seus discípulos, e que parecem declarar que “Ninguém é bom a não ser um só, Deus Pai” (Mc 10,18), e desse modo se atrevem a chamar bom o Deus e Pai do Salvador Jesus Cristo, ao mesmo tempo que afirmam que o Deus do mundo é outro e o chamam de justo, mas não lhes agradou chamá-lo bom.

**2** Sobre isso julgo que primeiro se deve examinar se eles podem, de acordo com a sua definição, mostrar que o Criador é justo quando castiga, pelo que merecem tanto os que morreram na época do dilúvio, como os sodomitas, como aqueles que saíram do Egito, quando vemos por vezes que são cometidos crimes muito mais revoltantes do que aqueles dessas pessoas que foram suprimidas, sem que se veja que tais pecados tenham recebido a pena que merecem. Dirão então que se tornou bom aquele que antes era justo? Ou pensarão talvez que ele ainda é justo, mas suporta pacientemente as faltas dos homens, porém não era justo quando aniquilava os menores inocentes e as crianças de peito junto com os gigantes cruéis e ímpios? Mas eles pensam assim porque não querem entender nada além da letra; aliás, que mostrem como é que, segundo a letra, é justo imputar os pecados dos pais aos filhos, e depois deles aos filhos dos filhos até a terceira e quarta geração. Nós não compreendemos essas palavras à letra, mas, como Ezequiel nos ensinou que se trata de uma parábola, procuramos o significado intrínseco dessa parábola.

Eles devem mostrar como esse Deus é justo, retribuindo a cada um segundo os seus méritos – ele que castiga os terrestres e o diabo – se eles nada tivessem cometido digno de castigo; de fato, segundo esses hereges, eles não poderiam ter feito nada de bom, porque tinham natureza má e predisposta à perdição. Pois, quando dizem que ele é juiz, parece que não é tanto juiz das ações, mas das naturezas, porque uma natureza má não faz o bem, nem uma boa faz o mal. Além disso, se aquele que dizem que é bom é bom para todos, com certeza também o é para os que estão destinados à perdição: então como é que não os salva? Se não o quer, não será bom, se o quer e não pode, não será todo-poderoso. Ouçam antes nos Evangelhos o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo preparando o fogo para o diabo e os seus anjos. Como é que uma ação punitiva e triste, segundo o sentido que eles lhe dão, poderia parecer obra do bom Deus? Mas é o próprio Salvador, Filho do Deus bom, que declara nos Evangelhos: “Se estes sinais e estes prodígios tivessem sido cumpridos em Tiro e Sidon, há muito tempo eles teriam feito penitência no cilício e na cinza” (Mt 11,21). E quando ele se aproximou dessas cidades e penetrou no território delas, porque, pergunto, se recusou a entrar nas cidades, e de lhes manifestar, em abundância, sinais e prodígios, se estava seguro de que diante disso elas teriam feito penitência no cilício e na cinza? E, porque certamente não o fez, abandonou essas cidades à perdição, a elas que não eram de natureza má e perdida, conforme a palavra do próprio Evangelho, já que diz que elas poderiam se arrepender. E também se encontra numa parábola evangélica: “O rei, entrando na sala para ver os comensais que tinham sido convidados, viu alguém que não estava com as roupas nupciais, e disse-lhe: amigo, como é que entraste sem a roupa de núpcias? Disse, então, aos criados: atem-lhe as mãos e os pés e joguem-no lá fora na escuridão, onde haverá choros e ranger de dentes” (Mt 22,11-13). Eles que nos digam quem é esse rei que entra para ver os convivas e que, encontrando entre eles alguém com roupas desprezíveis, ordenou aos criados que o atassem e atirassem para as trevas exteriores: será aquele a quem chamam Deus justo? Como é que ele mandou convidar os bons e os maus sem ter dito antes aos seus enviados que procurassem saber quais os méritos deles? É por aí que não são só os sentimentos do justo que são avaliados, ou, como eles dizem, de qualquer um que retribua de acordo com os méritos, mas também a benignidade para com todos, sem distinções. Se essa passagem se deve entender do Deus bom, isto é, de Cristo ou do Pai de Cristo, que outra coisa se faz senão criticar o Deus

justo? Mais ainda: acusam eles o Deus da Lei de outra coisa a não ser o que faz aquele que, depois de ter convidado o homem por meio dos seus criados, que tinha enviado a chamar os bons e os maus, ordena, por causa do vestuário sujo, que lhe atem as mãos e os pés e o atirem nas trevas exteriores?

**3** Esses testemunhos, cobertos pela autoridade das Escrituras, devem ser suficientes para refutar o que os hereges costumam objetar. Mas não parece despropositado discutir um pouco com eles tirando conclusões por raciocínio. Perguntemos-lhes, pois, se sabem qual é entre os homens a natureza da virtude e da maldade e se lhes parece correto falar de virtudes em Deus ou, como pensam, nos dois deuses. Digam também se a bondade lhes parece uma virtude (creio que não terão dúvidas em reconhecê-lo) e também o que dizem da justiça. Creio que nunca irão disparatar ao ponto de negar que a justiça é uma virtude. Portanto, se a virtude é um bem, e a justiça uma virtude, sem dúvida a justiça é a bondade. Se disserem que a justiça não é um bem, então terá de ser um mal, ou indiferente. Se dizem que a justiça é um mal, penso que seria tolice responder-lhes: iria parecer que estava a responder a discursos insensatos, ou a homens com a mente perturbada. Como é que se pode pensar que retribuir o bem com o bem seja um mal, se até eles o reconhecem? Se dizem que é indiferente, segue-se que, sendo a justiça indiferente, também a temperança, a prudência e todas as outras virtudes deverão ser tidas como indiferentes. E quando Paulo nos diz: “Se há uma virtude, se há alguma coisa digna de louvor, prestai atenção ao que aprendestes, recebestes e ouvistes de mim ou vistes em mim” (Fl 4,8), o que podemos lhe responder?

Digam então, examinando as divinas Escrituras, o que é cada virtude, e que não procurem esquivar-se dizendo que o Deus que retribui a cada um segundo seus méritos lhes dá mal pelo mal com raiva dos maus; e que não é porque os pecadores precisam ser tratados com remédios mais rigorosos, e que por isso ele lhes aplica o que, com vistas na sua correção, parece que agora os faz sofrer. Eles não leem o que está escrito sobre a esperança daqueles que morreram no dilúvio, esperança da qual Pedro assim diz na sua primeira carta: “Cristo morreu segundo a carne, mas foi vivificado segundo o espírito. Neste espírito, ele foi pregar aos espíritos que eram mantidos na prisão, aqueles que antes eram incrédulos, quando Deus



esperava com paciência enquanto Noé construía a arca; na arca um pequeno número, isto é, oito pessoas, foram salvas pela água; também a vós, de modo semelhante, ele salva pelo batismo” (1Pd 3,18-21). A propósito de Sodoma e Gomorra, que eles nos digam se acreditam que as palavras proféticas vêm de Deus, de quem se conta que fez cair sobre eles uma chuva de fogo e de enxofre. Que é que o profeta Ezequiel diz dessas cidades? “Sodoma será restaurada no seu antigo estado” (Ez 16,55). Castigando os que mereciam o castigo não o fez ele para seu bem? Ele disse à Caldeia: “Tu tens carvões de fogo, senta-te sobre eles, que vão te servir de auxílio” (Is 47,14). A propósito dos que caíram no deserto, que os hereges escutem o que é relatado no Salmo 77, que no título é atribuído a Asaf: “Quando ele os matava então eles o procuravam” (Sl 78,34). Ele não disse que uns eram mortos e outros o procuravam, mas que aqueles que eram mortos de tal modo eram sua ruína que, atingidos pela morte, procuravam Deus. Tudo isso mostra que o Deus justo e bom, o Deus da Lei e dos Evangelhos, é um só e mesmo Deus, que faz o bem com justiça e castiga com bondade, porque nem o bem sem o justo, nem o justo sem o bem, podem indicar a dignidade da natureza divina. Obrigados pelos artifícios deles, acrescentemos ainda o que se segue. Se o justo não é o bem, uma vez que o mal é contrário ao bem e o injusto ao justo, sem dúvida o injusto é diferente do mau; e, se para vós, o justo não é o bom, também o injusto não será o mau; e ainda: se o bom não é o justo, assim o mau não será o injusto. Como então não vai parecer absurdo que o mau seja o contrário do Deus bom, mas que ninguém seja o contrário do Deus justo, que eles apresentam inferior ao bom? A Satã, que é chamado o maligno, não corresponde quem possa ser chamado de injusto. Que situação é essa? Voltemos ao ponto de partida. Eles não poderão dizer que o mau não é também injusto, e que o injusto é mau. Mas, se nesses contrários, há uma ligação indissolúvel entre a injustiça e o mal, e entre o mal e a injustiça, sem dúvida o bom será indissociável do justo, e o justo do bom; da mesma forma que dizemos que a maldade e a injustiça são uma só e a mesma coisa ruim, assim também sustentamos que a bondade e a justiça são uma só e a mesma virtude.

**4** Mas eles nos reconduzem outra vez às palavras da Escritura ao colocar a sua famosa questão; dizem eles que está escrito: “uma árvore boa não pode produzir maus frutos, nem uma árvore má, maus frutos: pelo seu fruto se reconhece a árvore” (Mt 7,18; 12,33). Perguntam: de que se trata?

Manifesta-se a natureza da árvore da lei pelos seus frutos, isto é, pelas suas palavras e mandamentos. Se achamos que a lei é boa, podemos com certeza acreditar que aquele que a deu é também o Deus bom; mas se ela é mais justa do que boa, pensaremos que seu Deus é um legislador justo. O apóstolo Paulo disse sem rodeios: “Portanto, a lei é boa e o santo mandamento é justo e bom” (Rm 7,12). Fica claro que Paulo não estudou pelos escritos daqueles que separam o justo do bom, mas tinha sido ensinado por esse Deus, e iluminado pelo seu Espírito, que é ao mesmo tempo santo, bom e justo; falando por esse Espírito, dizia que o mandamento da lei é santo, justo e bom. Para mostrar com mais evidência que no mandamento há ainda mais bondade do que santidade e justiça, repete a palavra falando somente da bondade no lugar das três: “Então o que é bom para mim é a morte? De modo nenhum!” (Rm 7,13). Porque ele sabia que a bondade é o gênero das virtudes, a justiça e a santidade são as espécies desse gênero e, por isso, quando acima ele tinha falado do gênero e das espécies, ao retomar esse assunto volta só para o gênero. Mas, no que se segue, diz: “Pelo bem o pecado produziu em mim a morte” (Rm 7,13). Conclui assim pelo gênero o que antes tinha exposto pelas espécies. É preciso compreender da mesma maneira as palavras: “O homem bom pronuncia o bem que sai do bom tesouro do seu coração; e o homem mau, do seu mau tesouro profere o mal” (Lc 6,45). Também aqui o autor tomou o gênero bom ou mal mostrando sem nenhuma dúvida que no homem bom há justiça, temperança, prudência, piedade e tudo o que pode ser dito ou entendido como bom. De modo semelhante, ele falou do homem mau, que seria certamente injusto, impuro, ímpio e tudo o que compõe o homem mau nos seus diversos elementos. Assim como sem tais ruindades não se pode imaginar um homem mau, nem poderia ser mau, também sem aquelas virtudes certamente ninguém pode ser tido por bom.

Ainda lhes resta o que o Senhor disse no Evangelho e que para eles é como um escudo favorável e o têm como se fosse deles: “Ninguém é bom a não ser Deus Pai” (Mc 10,18). Dizem que aí está o termo próprio do Pai de Cristo, diferente do Deus criador do universo, que nunca foi chamado de bom. Vejamos então se no Antigo Testamento o Deus dos profetas, o criador do mundo, o legislador, não é chamado de bom. O que dizem os salmos? “Como é bom o Deus de Israel para os corações retos!” (Sl 72,1). E também: “Diga agora Israel que ele é bom, que a sua misericórdia dura

pelos séculos” (Sl 117,2). Nas Lamentações de Jeremias está escrito: “Bom é o Senhor para quem nele confia, para a alma que o procura” (Lm 3,25). Assim como no Antigo Testamento é muitas vezes chamado bom, nos Evangelhos o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é também chamado justo. Com efeito, no Evangelho de João, Nosso Senhor reza ao Pai nestes termos: “Pai justo, o mundo não te conheceu” (Jo 17,25). E se disserem que ele chamava Pai ao criador do mundo por causa da sua encarnação, e que era a ele que chamava justo, essa afirmação fica excluída pelo que se segue: “O próprio mundo não te conheceu”. Segundo eles, o mundo só ignora o Deus bom, pois reconhece com toda verdade o seu criador, segundo estas palavras do mesmo Senhor, quando diz: “O mundo ama o que é seu” (Jo 15,19). Portanto, é evidente que aquele que eles creem ser o Deus bom nos Evangelhos é chamado justo. Havendo tempo, poderiam reunir-se muitos testemunhos mostrando que no Novo Testamento o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é chamado justo, e que, no Antigo Testamento, o criador do céu e da terra é chamado bom, para que de uma vez por todas os hereges se envergonhem do que dizem.

## 6. Como o Salvador revestiu a natureza humana

**1** Depois disso, é tempo de voltar à encarnação de Nosso Senhor e Salvador para ver como ele se fez homem, e como viveu entre os homens. Com a grande fraqueza da nossa capacidade, consideramos a natureza divina, mais pelo exame das suas obras do que pela nossa inteligência; perscrutamos assim mesmo as suas criaturas visíveis, e contemplamos pela fé as invisíveis, pois que a fragilidade humana não pode ver tudo com os olhos, ou tudo abranger pela razão; de fato, nós homens somos, entre todos os seres racionais, o ser animado mais fraco e frágil; superiores são os que se encontram no céu ou acima do céu. Resta-nos procurar o intermediário ou mediador entre todas as criaturas e Deus, aquele que o apóstolo Paulo chama o primogênito de todas as criaturas (Cl 1,15). Vemos, de fato, que as santas Escrituras nos falam da sua majestade, que ele é chamado “imagem de Deus invisível e primogênito de todas as criaturas, que nele todas as coisas foram criadas, as visíveis e as invisíveis, os Tronos, as Dominações, os Principados, as Potências; tudo foi criado nele e por ele; ele é antes de todas as coisas e tudo subsiste nele” (Cl 1,15-17), que é a cabeça de todas, sendo o único cuja cabeça é Deus Pai, conforme o que está escrito: “A cabeça de Cristo é Deus” (1Cor 11,3). Vemos, além disso, que está escrito: “Ninguém conhece o Pai a não ser o Filho, e ninguém conhece o Filho a não ser o Pai” (Mt 11,27). Quem pode realmente conhecer o que é a Sabedoria senão aquele que a gerou? Quem pode claramente saber o que é a Verdade a não ser o Pai da Verdade? Quem pode perscrutar toda a natureza da sua Palavra, natureza que vem de Deus, e a natureza do próprio Deus, a não ser o próprio Deus, junto do qual estava a Palavra? Devemos aceitar com certeza que essa Palavra, que se deve chamar Razão, que essa Sabedoria, essa Verdade, mais ninguém a conhece a não ser o Pai. Dela está escrito: “Penso que no mundo não cabem os livros que seriam escritos” (Jo 21,25), sobre a glória e a majestade do Filho de Deus. Porque é impossível colocar por escrito o que diz respeito à glória do Salvador.

Depois de tantas e tão importantes considerações acerca da natureza do Filho de Deus, ficamos estupefatos e com grande admiração vendo que essa natureza que ultrapassa todas as outras, deixando a condição da sua majestade, se fez homem e viveu entre os homens, como atesta a graça

infundida em seus lábios, como dele dá testemunho o Pai celeste e como o confirmaram os próprios sinais e vários prodígios operados pelos poderes dos seus atos. Antes de se fazer presente manifestando-se pelo corpo, enviou os profetas como precursores anunciando a sua vinda; depois da sua ascensão aos céus, mandou circular por toda a terra os santos apóstolos cheios do poder da sua divindade, homens inexperientes e ignorantes vindos do meio dos publicanos e dos pescadores, para reunir de todas as nações e de todos os povos uma multidão de homens piedosos que acreditam nele.

**2** Mas, depois de todas essas maravilhas e grandezas, a capacidade de admiração da inteligência humana fica completamente ultrapassada, e a fragilidade do entendimento mortal não vê como poderia pensar e compreender que esse poder tão grande da majestade divina, essa Palavra do próprio Pai, essa Sabedoria de Deus, na qual foram criadas todas as coisas visíveis e invisíveis, tenha podido, como devemos crer, se circunscrever àquele homem que surgiu na Judeia, e que a Sabedoria divina tenha entrado no ventre de uma mulher, tenha nascido tão pequeno, e emitido vagidos como qualquer recém-nascido ao chorar; que depois tenha sido tão perturbado pela morte, como se relata e ele mesmo reconhece: “Minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38), e que finalmente tenha sido levado à morte considerada a mais indigna, mesmo que tenha ressuscitado três dias depois. Vemos nele ora certos traços humanos que parecem não se distinguir em nada da comum fragilidade dos mortais, ora traços tão divinos que não são adequados a mais ninguém a não ser à primeira e inefável natureza da divindade: assim o entendimento humano, por causa da sua limitação, fica em suspenso e abalado por tal estupefação que não sabe para onde se dirigir, o que sustentar, nem para onde se voltar. Pensa em Deus, e vê o mortal. Se julga que é o homem, vê que ele venceu o reino da morte e que volta de entre os mortos com seus troféus. É por isso que se deve contemplar com temor e reverência como se mostra num só e mesmo ser a verdade de cada natureza, a fim de não pensar nada de menos digno e apropriado sobre esse ser substancial divino e inefável, nem julgar, ao contrário, que suas ações sejam a ilusão de falsas imaginações. Expor essas coisas a ouvidos humanos e explicá-las por palavras excede em muito as possibilidades dos nossos méritos, do nosso talento e discurso. Julgo até que ultrapassa as medidas dos santos apóstolos; a explicação desse mistério passa talvez além dos maiores poderes de todas as criaturas celestes.

Vamos agora expor essa questão em poucas palavras, mais o que a nossa fé contém do que o que poderia ser afirmado pela razão humana; apresentaremos o assunto como suposições nossas e não como afirmações estabelecidas, e o fazemos não por excesso de audácia, mas porque a continuação do desenvolvimento o pede.

**3** O Filho Unigênito de Deus, por quem, como nos ensinou a discussão anterior, tudo de fato foi feito, o visível e o invisível, tudo fez e tudo ama, como atesta a Escritura. Porque, enquanto do Deus invisível ele mesmo é a imagem invisível, a todas as criaturas racionais concedeu que, de modo invisível, participassem nele, tanto quanto cada criatura aderisse a ele pelo sentimento do amor. Mas como a faculdade do livre-arbítrio colocou variedade e diversidade entre as almas, umas têm um amor mais ardente pelo seu autor, e outras um amor mais fraco e exíguo; essa alma, da qual Jesus diz: “Ninguém me tira a minha alma” (Jo 10,18), aderindo a ele desde o início da sua criação e depois, de um modo inseparável e indissociável, como à Sabedoria e à Palavra de Deus, à Verdade e à verdadeira Luz, e toda ela recebendo-o todo, ela que entra na sua luz e no seu esplendor, fez-se com ele de modo eminente um só espírito, tal como o Apóstolo prometeu àqueles que a deviam imitar: “Aquele que se junta ao Senhor é um só espírito com ele” (1Cor 6,17). Dessa substância da alma, servindo de intermediário entre Deus e a carne, pois não era possível que a natureza de Deus se mesclasse com a carne sem mediador, nasce, como dissemos, o Deus-homem (*theánthrōpos*)[8] – sendo essa substância uma intermediária, pois para ela não era contra a natureza assumir um corpo. E também não era contra a natureza que essa alma, substância racional, pudesse contemplar Deus, porque, como já vimos, ela já se tinha mudado nele, como na Palavra, na Sabedoria e na Verdade. É por isso que, de pleno direito, porque ela estava toda no Filho de Deus, e, inversamente, nela cabia totalmente o Filho de Deus, ela é chamada, com a carne que assumiu, Filho de Deus, e poder de Deus, Cristo e Sabedoria de Deus; por sua vez, o Filho de Deus, por quem tudo foi criado, é chamado Jesus Cristo e Filho do Homem. Pois dizemos que o Filho de Deus morreu, isto é, por sua natureza, que de fato podia sofrer a morte; e é chamado Filho do Homem, aquele que se anuncia que deverá vir na glória de Deus Pai com os santos anjos. Por essa razão, em toda a Escritura, a divina natureza é designada com termos humanos, e a natureza humana é adornada com os títulos reservados a

Deus. Mais do que em outros casos, nesse se pode dizer o que está escrito: “Serão dois numa só carne” e “daqui em diante já não serão dois, mas uma só carne” (Gn 2,24; Mt 19,5-6). Porque a Palavra de Deus está muito mais com a sua alma numa só carne do que o que se pode pensar do marido com sua mulher. Mas a quem é mais adequado ser um só espírito com Deus do que a essa alma que se juntou tão bem a Deus pelo amor que de pleno direito dela se pode dizer que faz com ele um só espírito?

**4** A perfeição do amor e a sinceridade de uma afeição pura fizeram a união inseparável dessa alma com Deus, de tal modo que não foi por acaso nem resultado de um favor pessoal que essa alma foi assumida, mas vem do mérito das suas virtudes; escuta o que sobre isso diz o profeta: “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria de preferência aos vossos companheiros” (Sl 44,8). Por causa do mérito do seu amor, ela é ungida com o óleo da alegria, isto é, a alma, com a Palavra de Deus, torna-se Cristo. De fato, ser ungido pelo óleo da alegria não quer dizer outra coisa senão ser cheio do Espírito Santo. O que diz a respeito dos “companheiros” indica que a graça do Espírito não lhe foi dada como aos profetas, mas que nela a Palavra de Deus estava plenamente de modo substancial, segundo o Apóstolo: “Em quem habita corporalmente a plenitude da divindade” (Cl 2,9). Enfim, não se diz somente: “Tu amaste a justiça”, mas “e odiaste a iniquidade”; odiar a iniquidade remete ao que a Escritura disse de Cristo: “Não cometeu pecado e não se encontrou malícia na sua boca” (Is 53,9); e ainda: “foi tentado em todas as coisas, de modo semelhante a nós, mas sem pecado” (Hb 4,15). Mas o próprio Senhor disse: “quem de vós me acusa de pecado?” (Jo 8,46), e também diz de si mesmo: “Vem aí o príncipe deste mundo e não encontra nada em mim” (Jo 14,30). Tudo isso indica que nele não havia nenhuma ideia de pecado. O profeta exprime ainda com mais clareza que nenhum pensamento de iniquidade entrou nele, quando diz: “antes que a criança pudesse chamar o seu pai ou a sua mãe se desviou da iniquidade” (Is 8,4).

**5** Se isso parece difícil a alguém, porque mostramos antes que há em Cristo uma alma racional, e que repetimos muitas vezes em nossas argumentações que a natureza das almas é perfeitamente capaz de receber o bem e o mal, resolveremos essa dificuldade da maneira seguinte. Não se pode duvidar que a natureza dessa alma fosse a de todas as almas, pois não

lhe poderíamos chamar alma se não fosse verdadeiramente uma alma. Como, porém, está ao alcance de todos escolher entre o bem e o mal, essa alma, a de Cristo, tão bem escolheu amar a justiça que, em consequência da imensidão do seu amor, aderiu a ela de maneira inconvertível e inseparável, de tal modo que a firmeza dos seus propósitos, a grandeza do seu afeto, e o calor inextinguível do seu amor afastaram qualquer desejo de mudança e de reversão, e assim o que se encontrava na vontade se transformou em natureza em decorrência de longo hábito; tal foi o caso, devemos acreditar, da alma humana e racional de Cristo, que não teve nenhum pensamento nem nenhuma possibilidade de pecado.

**6** Para explicá-lo mais completamente, não será fora de propósito usar também uma comparação, se bem que num assunto tão árduo e difícil não seja fácil servir-se de exemplos satisfatórios. Portanto, e sem prejudicar o que queremos dizer: o ferro é um metal capaz de receber o frio e o calor; se, portanto, uma massa de ferro ficar continuamente no fogo, recebendo-o em todos os seus poros e veios e ficando toda em fogo, se o fogo não se afastar nem ela se separar do fogo, não diríamos que essa massa, que por natureza é ferro, posta no fogo e continuamente ardente, nunca poderia receber o frio? Mais ainda, e mais verdadeiro, dizemos que toda ela se tornou fogo, e muitas vezes constatamos com nossos olhos que assim é nos fornos, porque nela não se vê nada mais senão fogo, e se alguém tentar tocá-la, não sentirá a força do ferro, mas a do calor. De modo semelhante, essa alma que, como o ferro no fogo, se encontra sempre na Palavra, sempre na Sabedoria, sempre em Deus, tudo o que ela faz, tudo o que ela pensa, tudo o que ela compreende é Deus. E é por isso que não se pode dizer que ela é conversível, nem mutável, porque, sempre inflamada, ela possui irrefragavelmente a inconvertibilidade pela sua união com a Palavra de Deus.

Podemos pensar que a todos os santos chega certo calor da Palavra de Deus, mas nessa alma é preciso acreditar que o próprio fogo divino repousa de modo substancial, fogo do qual aos outros chega um pouco de calor. Enfim, a frase: “Deus, teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria mais do que aos teus companheiros” (Sl 44,8) mostra que essa alma foi ungiu com o óleo da alegria, isto é, a Palavra de Deus, e da Sabedoria, de maneira diferente dos outros participantes, os santos profetas e apóstolos. Destes se



diz que correram no odor dos seus perfumes, mas essa alma era o vaso que continha o próprio perfume: todos os profetas e os apóstolos se tornariam dignos de participar na sua fragrância. Mas como o odor do perfume não é a mesma coisa que a sua substância, assim o Cristo é diferente dos que nele participam. O vaso que contém a substância do perfume não pode de maneira nenhuma receber um cheiro ruim; mas os que participam do seu odor ficam suscetíveis a ser atingidos pelos maus cheiros quando dele se afastam demais; de modo semelhante, não pode Cristo receber um odor contrário, ele que era como que o próprio vaso que continha a substância do odor; mas os que dele participavam e que estavam próximos ao vaso não só participam do odor como podem recebê-lo.

**7** Creio que o profeta Jeremias entendia qual era a natureza da Sabedoria divina em Cristo, e qual a natureza que ele assumira para salvação do mundo, quando disse: “O Espírito do nosso rosto, Cristo Senhor, dele dizemos que à sua sombra vivemos entre as nações” (Lm 4,20). Pois, como a sombra do nosso corpo é inseparável do corpo e recebe e reproduz sem desvio os movimentos e os gestos do corpo, penso que também, para designar assim as ações e movimentos dessa alma que aderira a Cristo sem separação possível e fazia tudo segundo seu impulso e sua vontade, lhe chamou sombra do Cristo Senhor, sombra sob a qual vivemos entre as nações. Porque no mistério que ele assumiu vivem os povos, quando, imitando essa alma pela fé, chegam à salvação. Davi, ao dizer: “lembra-te da minha humilhação, Senhor, da humilhação que me fizeram passar no lugar do teu Cristo” (Sl 88,51), me parece que quer dizer a mesma coisa. Pensa Paulo de modo diferente quando diz: “Nossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,3)? E, noutro lugar: “Procurais uma prova daquele que fala em mim, Cristo?” (2Cor 13,3). Mas agora diz que Cristo está escondido em Deus. O sentido de tudo isso indica apenas o que é significado pelo profeta com a sombra de Cristo, como dissemos acima, mas também pode ser que ultrapasse a compreensão da mente humana. Mas, nas Escrituras divinas, encontram-se muitos outros textos com alusões à sombra, como o que diz Gabriel a Maria no Evangelho segundo Lucas: “O Espírito do Senhor virá a ti e o Poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (Lc 1,35). Ao falar da Lei, o Apóstolo diz que os que têm a circuncisão na carne “prestam culto segundo a semelhança e a sombra das realidades celestes” (Hb 8,5). E noutro lugar se diz: “A nossa vida na terra

não é uma sombra?” (Jó 8,9). Se, portanto, a lei dada na terra é sombra, e se toda a nossa vida sobre a terra é sombra, e se vivemos entre as nações na sombra de Cristo, é preciso ver se a verdade de todas essas sombras não será conhecida na grande revelação, quando todos os santos merecerão contemplar a glória de Deus, as causas e a verdade das coisas, já não “através de um espelho e em enigma, mas face a face” (1Cor 13,2). Tendo recebido pelo Espírito Santo uma garantia dessa verdade, o Apóstolo dizia: “mesmo se alguma vez conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos” (2Cor 5,16). Isso foi o que nos ocorreu ao tratar de questões tão difíceis como a Encarnação e a divindade de Cristo. Mas, se alguém puder encontrar algo melhor e confirmar o que ele diz com afirmações mais explícitas das santas Escrituras, que lhe prestem mais atenção do que ao que eu disse.

## 7. O Espírito Santo

**1** Depois do que expusemos no início deste livro acerca do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme o assunto pedia, pareceu-nos conveniente voltar a esses pontos e mostrar que o mesmo Deus é o criador e artífice do mundo e o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo; quer dizer que o Deus da Lei e dos profetas, e o dos Evangelhos são um só e mesmo Deus. Depois, a propósito de Cristo, foi preciso demonstrar que aquele que antes fora apontado como a Palavra e a Sabedoria de Deus tinha sido feito homem; resta-nos voltar, tão brevemente quanto possível, ao Espírito Santo.

Chegou, portanto, a oportunidade de discutir um pouco, conforme pudermos, sobre o Espírito Santo que Nosso Senhor e Salvador no Evangelho segundo São João chamou o Paráclito. Assim como há um só e mesmo Deus e um só e mesmo Cristo, assim há um só e mesmo Espírito Santo, que estava tanto nos profetas como nos apóstolos, entre os que acreditaram em Deus antes da vinda de Cristo, e aqueles que por Cristo se refugiaram em Deus. Se, como entendemos, os hereges ousaram falar de dois Deuses e de dois Cristos, nunca ouvimos dizer que alguém tenha anunciado dois Espíritos Santos.

Como poderiam afirmar isso a partir das Escrituras, ou que distinção poderiam fazer entre um Espírito Santo e outro Espírito Santo? Isso supondo que se possa encontrar uma definição ou descrição do Espírito

Santo. Pois mesmo que se conceda a Marcião e a Valentim que se possam introduzir distinções na divindade e descrever de modo diferente a natureza do bom e a do justo, como é que se podem cogitar e inventar distinções para introduzir no Espírito Santo? Creio que não podem encontrar nada que indique nenhuma diferença.

**2** Pelo nosso lado, pensamos que toda criatura racional pode participar nele como na Sabedoria de Deus e na Palavra de Deus, sem que se possam fazer distinções. Vejo também que o principal advento do Espírito Santo entre os homens se produziu, segundo a Escritura, depois da Ascensão de Cristo ao céu, mais do que antes da sua vinda. De fato, antes o dom do Espírito Santo só era concedido aos profetas e a alguns poucos dentre o povo que ocasionalmente o merecessem. Depois da vinda do Salvador, cumpriu-se a Escritura no que tinha sido dito pelo profeta Joel: “Nos últimos dias, acontecerá que difundirei o meu Espírito sobre toda a carne e que eles profetizarão” (Jl 3,1), e no mesmo sentido está escrito: “Todas as nações te servirão” (At 2,17; Sl 71,11). Portanto, pela graça do Espírito Santo, eis o fato que, junto com outros muitos, admiravelmente se manifestou: o que está escrito nos profetas e na Lei de Moisés, que apenas um pequeno número, os próprios profetas e porventura algum dentre o povo, então entendia, ultrapassando o sentido corporal, ou seja, compreendia a Lei e os profetas num sentido superior e espiritual; mas agora há incontáveis multidões de crentes, que, sem poder – ao menos não todos – explicar de maneira ordenada e clara a coerência da compreensão espiritual, estão todos, porém, persuadidos de que a circuncisão, o descanso do sábado e o derramamento do sangue dos animais não se devem compreender no sentido corporal, nem as respostas que sobre essas coisas Deus deu a Moisés. Não há dúvidas de que é o poder do Espírito Santo que inspira a todos.

**3** Há numerosas maneiras de entender Cristo, pois se bem que ele seja, certamente, a Sabedoria, não age nem realiza os poderes da Sabedoria em todos, mas somente naqueles que, nele, se dedicam à Sabedoria; pois também o médico, quando é chamado, não se comporta com todos como médico, mas somente para com aqueles que, tendo compreendido que estão doentes, apelam para a sua benevolência para recuperar a saúde. Penso o mesmo do Espírito Santo no qual se encontra toda a natureza dos dons.

Com efeito, a uns é concedida pelo Espírito Santo a palavra da sapiência, a outros, a palavra do conhecimento, a outros, a fé, e assim, em cada um daqueles que podem recebê-lo o próprio Espírito, toma a forma e se faz compreender do modo que precisa aquele que mereceu ter participação nele. Mas, sem assinalar essas distinções e diferenças, alguns, ouvindo que no Evangelho foi chamado Paráclito, não refletindo na atividade e no papel que o fazem ser chamado Paráclito, o comparam a não sei que vis espíritos e tentaram desse modo perturbar as Igrejas de Cristo, a ponto de gerar divisões notáveis entre os irmãos. Mas o Evangelho o apresenta com tão grande poder e majestade que mostra que os apóstolos ainda não teriam podido entender o que o Salvador queria lhes ensinar, a não ser quando o Espírito Santo veio. Foi ele que, difundindo-se nas suas almas, os iluminou sobre a sua natureza e a fé na Trindade. Mas a incapacidade da inteligência desses hereges impede-os não só de expor com coerência o que é exato, mas, ainda, de prestar ouvidos ao que nós dizemos; pensam da divindade do Espírito Santo coisas inferiores à sua dignidade, e entregam-se ao erro e ao engano, mais corrompidos por espíritos errados do que instruídos pelos ensinamentos do Espírito Santo, conforme disse o Apóstolo: “Seguindo a doutrina dos espíritos demoníacos que proíbem o casamento”, para a perdição e ruína de muitos “e obrigam inoportunamente a abster-se de alimentos” (1Tm 4,1-3) para seduzir as almas dos inocentes com a aparência de uma observância mais austera.

**4** Devemos, portanto, deixar estabelecido que o Espírito Santo é o Paráclito e que ele ensina verdades mais grandiosas do que podemos explicar, verdades que são, por assim dizer, inefáveis e que, ao homem, não é concedido dizer, isto é, que a palavra humana é incapaz de revelar (2Cor 12,4). Essa expressão, “não é concedido dizer”, pensamos que Paulo a emprega em vez de “não é possível”, como quando diz “tudo é permitido mas nem tudo é conveniente, tudo é permitido mas nem tudo constrói” (1Cor 10,23). Aquilo que para nós é possível, porque o podemos ter, diz ele que é permitido. O Paráclito, que se diz do Espírito Santo, vem do termo “consolação” ( *paráklesis* diz-se em latim *consolatio*); de fato, quem mereceu participar do Espírito Santo pelo conhecimento dos mistérios inefáveis recebe sem dúvida consolação e alegria no coração. E então, quando tiver conhecido, por revelação do Espírito Santo, as causas de tudo o que é feito, por que e como é feito, a sua alma jamais poderá ser

perturbada nem receber nenhum sentimento de tristeza; nada mais o assustará, quando aderir à Palavra de Deus e à Sabedoria, e confessar o Senhor Jesus por inspiração do Espírito Santo.

Mas, já que mencionamos o Paráclito e que expusemos, na medida das nossas forças, como se deve compreender esse termo a seu respeito, digamos que também o nosso Salvador é chamado Paráclito quando a Epístola de João diz: “Se um de nós pecou, temos um Paráclito junto do Pai, Jesus Cristo, o justo, que é ele mesmo a expiação dos nossos pecados” (1Jo 2,1-2). Vejamos se essa designação de Paráclito, quando aplicada ao Salvador, pode significar algo diferente de quando aplicada ao Espírito Santo. Aplicada ao Salvador Paráclito parece querer dizer intercessor, e os dois sentidos, de consolador e de intercessor, existem no grego *paracleto*. Por causa da frase seguinte, “ele é, ele mesmo, a expiação dos nossos pecados”, parece que, quando aplicado ao Salvador *paráclito*, deve entender-ser como *intercessor*, porque se diz que ele intercede junto ao Pai por nossos pecados. Aplicado ao Espírito Santo, *paráclito* deve significar *consolador*, porque ele consola as almas às quais abre e revela o sentido do conhecimento espiritual.

## 8. Sobre a alma

**1** A sequência dos assuntos nos pede agora que procuremos saber em geral o que é a alma, a começar pelos seres inferiores para chegar aos superiores. Ninguém hesita em dizer, creio eu, que em todos os seres animados há alma, mesmo naqueles que vivem nas águas. Essa é a opinião geral de todos, e ela apoia-se na santa Escritura, quando ela diz: “Deus fez os grandes cetáceos e todas as almas dos animais que rastejam, produzidos pelas águas conforme os seus gêneros” (Gn 8,21). Isso se confirma pela razão comum pelos que dão uma definição de alma em termos exatos. De fato, a alma é definida como uma substância *phantastikē* e *hormētikē* [princípio das imaginações e das impulsões], o que, em latim, mesmo que não fique tão bem explicado, pode talvez traduzir-se por sensível e móvel [princípio de sensibilidade e de movimento]. Essa definição é perfeitamente adequada a todos os animais, mesmo os que estão nas águas, e a mesma definição também se aplica convenientemente às aves. A Escritura acrescenta a autoridade de uma outra sentença, quando diz: “Não comereis

sangue, porque em toda a carne o seu sangue é a sua alma, e não deveis comer a alma com as carnes” (Lv 17,14). É bem claro que aqui se indica que o sangue em todos os animais é a sua alma. Mas se alguém perguntar, já que diz que a alma de toda carne é o seu sangue, o que dizer das abelhas, vespas e formigas, das ostras e mariscos que estão nas águas e de quaisquer outros que não têm sangue, mas muito claramente são animais, responda-se que, tal como nos outros animais há a força e o vigor do sangue vermelho, nesses animais, do mesmo modo, há aquele líquido que neles está, mesmo que seja de outra cor; pouco importa a cor, desde que seja a substância vital. Na opinião geral, não há dúvidas sobre serem animais os jumentos e outros animais de carga. As divinas Escrituras também o deixam claro na sentença dita por Deus: “Que a terra produza a alma viva de acordo com o seu gênero, os quadrúpedes, répteis e bichos da terra segundo os seus gêneros” (Gn 1,24). No que diz respeito ao homem, mesmo que não haja nenhuma dúvida nem quem levante a questão, ainda há a Escritura divina que afirma que “Deus soprou na face dele um sopro de vida e o homem foi feito uma alma viva” (Gn 2,7).

Falta perguntar, a respeito da ordem dos anjos, se eles têm almas, ou se eles são almas, e o mesmo dos outros poderes divinos e celestiais e das potências contrárias. Na divina Escritura, nunca encontramos confirmação sobre se os anjos e os outros espíritos divinos e ministros de Deus têm almas ou se diz que são almas; a maioria, porém, pensa que eles são seres animados. A propósito de Deus, encontramos que assim está escrito: “Sobre aquele que tiver comido sangue eu colocarei a minha alma e o arrancarei do seio do seu povo”, e noutro lugar: “vossas oferendas, os sábados e os dias solenes não me agradam. Minha alma detesta vossos jejuns, feriados e dias festivos” (Is 1,13-14). E no Salmo 21, diz-se de Cristo – pois é certo e atestado pelo Evangelho que esse salmo é como que pronunciado pela sua pessoa –: “Tu, Senhor, não afastes o teu socorro, vigia em minha defesa. Livra minha alma da espada, e a minha única vida do poder do cão” (Sl 21,20-21). E há ainda muitos outros testemunhos sobre a alma de Cristo encarnado.

**2** Mas, considerando o argumento da encarnação, se afasta qualquer dúvida a propósito da alma de Cristo; pois do mesmo modo que teve um verdadeiro corpo, teve uma verdadeira alma. É, porém, difícil de pensar e

de expor como é que se deve compreender o fato de que, nas Escrituras, se trata de uma alma de Deus, pois já antes confessamos que sua natureza é simples, sem mistura nem composição; contudo, seja como for que se entenda, às vezes parece que se está falando da alma de Deus – pois da de Cristo nem se duvida. Por isso, não creio que é absurdo dizer ou pensar do mesmo modo sobre os santos Anjos e outros Poderes celestes, desde que a definição de alma que demos acima pareça adequada a eles. Quem poderá negar que eles possuem percepções racionais e movimento? Se, portanto, dissermos que essa definição da alma como uma substância dotada de percepção racional e de movimento é correta, então parece que ela se adapta também aos Anjos. Que há neles, além de percepção racional e movimento? Ora, os seres que têm a mesma definição sem dúvida têm a mesma substância. É verdade que o apóstolo Paulo fala de um homem animal (1Cor 2,14) que, segundo ele, não pode captar o que diz respeito ao espírito de Deus; e diz também que o ensinamento do Espírito Santo a esse homem parece loucura, e que ele não pode compreender o que é objeto de discernimento espiritual. Mas, segundo ele, em outra passagem, um corpo animal é semeado e ressuscita um corpo espiritual (1Cor 15,44), ele mostra também que, na ressurreição, do justo não haverá nada de animal naqueles que merecerão a vida dos bem-aventurados. É por isso que procuramos saber se haveria uma substância que seria imperfeita por ser alma. E ainda perguntaremos quando essas coisas começarem a ser discutidas cada uma por si, se ela é imperfeita porque decaiu da perfeição, ou se Deus a fez assim como é. Com efeito, se o homem animal não se apercebe do que concerne ao Espírito de Deus, e se, porque é animal, não pode receber a compreensão de uma natureza superior, ou seja, da divina, talvez seja por isso que Paulo, querendo nos ensinar mais claramente o que é que nos permite compreender as realidades do Espírito, as realidades espirituais, relaciona e associa com o Espírito Santo mais a mente do que a alma. Creio que é o que demonstra quando diz: “Rezarei em espírito, rezarei também na inteligência; em espírito cantarei salmos, e cantarei salmos pela mente” (1Cor 14,15). Ele não diz: “rezarei na alma”, mas no espírito e na mente; e não diz “cantarei salmos na alma”, mas cantarei salmos em espírito e na mente.

**3** Pode-se, porém, perguntar se é a mente que reza e canta salmos com o espírito, e se é ela que percebe a perfeição e a salvação, como pode Pedro

dizer: “recebemos como objeto da nossa fé a salvação das nossas almas”? (1Pd 1,9). Se a alma não ora e não canta salmos com o espírito, como é que ela pode esperar a salvação? Ou então, quando chegar a bem-aventurança, não será mais chamada alma? Vejamos, porém, se não podemos responder desta maneira: assim como o Salvador veio salvar o que estava perdido e que, uma vez salvo, o que antes era tido como perdido já não está perdido, assim também talvez o que é salvo é chamado alma, e quando foi salva foi designada pelo termo que se aplica à sua parte mais perfeita. Mas alguns creem poder acrescentar o seguinte: antes de perecer, quando era outra coisa, não perdida (que nem sei o que era), e que existirá seguramente quando já não estiver perdida, assim também a alma, da qual se diz que se perdeu, pode ser que, antes de se perder, fosse outra coisa, e é por isso que se vai dizer que a alma, quando for libertada da perdição, poderá de novo ser o que era antes de perecer, e era chamada alma. Mas o próprio significado do termo *alma* tal como se diz em grego, a alguns dos que investigam mais detalhadamente, pareceu que teria outro sentido, que tem interesse. Porque a palavra divina diz que Deus é fogo: “O nosso Deus é um fogo devorador” (Dt 4,24; Hb 12,29). E, da substância dos Anjos, afirma: “Aquele que fez, dos seus enviados, espíritos, e dos seus ministros um fogo ardente” (Sl 103,4; Hb 1,7). E em outro lugar: “O Anjo do Senhor apareceu numa chama de fogo no arbusto” (Ex 3,2). Mais ainda: recebemos o mandamento de ser “ardentes no espírito” (Rm 12,11), por onde sem dúvida se mostra que a palavra divina é quente como o fogo. Mas o profeta Jeremias ouviu, daquele que lhe respondia: “Eis que eu pus as minhas palavras na tua boca como fogo” (Jr 1,9); assim como Deus é fogo, que os Anjos são a chama de fogo e que os santos ardem em espírito, assim, ao contrário, daqueles que caíram do amor de Deus, e certamente esfriaram na sua caridade por ele, deles se diz que se tornaram frios. De fato diz o Senhor: “Por causa da multiplicação da iniquidade, a caridade de muitos vai esfriar” (Mt 24,12). Na Escritura, sempre se descreve que todas as coisas, sejam quais forem, que têm a ver com o poder do adversário, são frias. Com efeito, o diabo é chamado serpente e dragão: pode haver algo mais frio? Diz-se que o dragão reina nas águas; e também há referência a um dos espíritos malignos que o profeta designa como marinho. Noutro lugar diz o profeta: “Lançarei a espada santa sobre o dragão, a serpente que foge, sobre o dragão, serpente perversa, e a espada o matará” (Is 27,1). E outra vez: “Mesmo que se afastasse dos meus olhos e descresse às profundezas do mar,



eu daria ordens ao dragão para que os mordesse” (Am 9,3). Em Jó (41,25) se diz que o dragão é o rei de todos os que estão nas águas. O profeta anuncia que da região boreal virão males sobre todos os que habitam a terra. Mas Bóreas designa na Escritura o vento frio, como escreve a Sabedoria (Sir 43,20): “Bóreas é o vento frio”, o que sem dúvida se deve entender do diabo. Se, portanto, as realidades santas são chamadas de fogo, luz, ardor, e se as realidades contrárias são frias, da caridade nos pecadores se diz que esfria; podemos então nos perguntar se a palavra alma, que em grego se diz *psychē*, não seria dita para significar o esfriamento de um estado mais divino e melhor, isto é, que a alma se teria resfriado do seu calor natural e divino para receber o estado e a denominação que tem atualmente.[9] Podemos, agora, procurar nas Escrituras a palavra alma com sentido positivo, e se é difícil encontrá-lo. Com sentido negativo ocorre frequentemente, como: “Uma alma má perde aquele que a possui” (Sir 6,4), e: “A alma que peca, ela mesma vai morrer” (Ez 18,4), depois de ter dito: “todas as almas são minhas, tanto a do filho como a do pai” (Ez 18,4). Parece que seria lógico acrescentar: a alma que age na justiça será salva, a alma que peca é a que morrerá. Mas o que nós vemos é que a Escritura associou a alma à culpa e calou o que seria digno de louvor. É preciso agora ver se, tal como dissemos a partir do significado do termo, a *psychē*, isto é, a alma recebeu esse nome porque ela se tornou fria, perdendo o fervor dos justos e a participação no fogo divino, sem perder, contudo, a possibilidade de se restabelecer nesse estado de fervor em que estava no princípio. O profeta parece indicar um sentido semelhante quando diz: “Volta, minha alma, para o teu repouso” (Sl 116,7). Isso parece mostrar a todos que a mente, afastando-se do seu estado e da sua dignidade, tornou-se alma e assim é chamada; se ela se recuperar e se corrigir volta a ser mente.[10]

**4** Se assim for, parece-me que não se deve pensar que esse rebaixamento e queda da mente sejam iguais para todos, mas que há mais e menos nessa mudança em alma, e que algumas mentes conservam alguma coisa de seu vigor inicial, e outras nada, ou muito pouco. É por isso que se encontra quem, desde tenra idade, seja mais perspicaz, mas outros são mais lentos, e ainda há alguns que são tão obtusos que nasceram incapazes de aprender. Mas o que dissemos de mudança de mente em alma e de tudo o que se refere a esse assunto, que o leitor o discuta com cuidado e o estude pessoalmente, pois não nos parece que essas sejam aceitas como doutrinas

confirmadas, mas para serem discutidas e investigadas. A isso que tratamos acrescento o leitor o que se segue: pode-se observar que, quando o Evangelho fala da alma do Salvador, as coisas que lhe atribui como alma e as que lhe atribui como espírito não são as mesmas. Quando o Evangelho menciona alguma emoção ou perturbação, indica-a como sendo a alma, por exemplo: “A minha alma agora está perturbada” (Jo 12,27), e: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38); e “Ninguém arrebatou a minha alma, sou eu que a deixo” (Jo 10,18). Mas o que ele confia às mãos do Pai não é a sua alma, mas o seu espírito (Lc 23,46) e, quando diz que a carne está doente, ele não diz que a alma está pronta, mas que o espírito está pronto (Mt 26,41). Portanto, parece que a alma é algo intermediário entre a carne enferma e o espírito pronto.

**5** Pode ser, porém, que, sobre os temas que já tratamos, alguém nos diga: como é que se pode falar da alma de Deus? Responderemos assim: tudo o que de corporal se atribui a Deus – dedos, mãos, braços, olhos, boca, pés – não designa, com esses nomes de membros corporais, algo conforme com os nossos membros humanos, mas certos poderes de Deus. Assim também se indica, com esse nome de alma de Deus, alguma outra coisa que se deve supor. Se podemos nos permitir continuar falando sobre esse assunto podemos, talvez, por alma de Deus entender o seu Filho único. Com efeito, tal como a alma está inserida em todo o corpo e tudo faz mover, opera e realiza todas as coisas, assim o Filho único de Deus, sua Palavra e sua Sabedoria, inserido nele, atinge e alcança todo o poder de Deus. Talvez para indicar esse mistério é que, nas Escrituras, Deus é representado ou descrito como um corpo. Deve-se considerar se não se pode ainda entender o Filho único como a alma de Deus, porque veio ele próprio a este lugar de aflição e desceu a este vale de lágrimas e ao lugar da nossa humilhação, como diz o salmo: “Porque tu nos humilhastes no lugar da aflição” (Sl 43,20). Além disso, sei que alguns, comentando o que diz o Salvador no Evangelho: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38), o interpretaram dos apóstolos, pois ele teria dito que eles eram sua alma, como melhores do que o resto do corpo. Uma vez que se diz que a multidão dos crentes é o corpo do Salvador, disseram que se devia entender os apóstolos como se fossem a sua alma porque são melhores do que o resto da multidão.

Expusemos tudo isso, a respeito da alma racional, conforme pudemos, mais para ser discutido pelos leitores do que como doutrinas estabelecidas e definidas. A respeito das almas dos animais e dos outros seres mudos é suficiente o que antes dissemos de modo geral.

## **9. Do mundo, dos movimentos das criaturas racionais, boas ou más, e das suas causas**

1. Vamos retomar a ordem da discussão que nos propusemos, considerando o início da criação, e vejamos o começo da ação criadora de Deus tal qual a mente pode compreender. É preciso pensar que, nesse início, Deus fez as criaturas racionais ou intelectuais, seja qual for o nome que se possa dar ao que acima chamamos mentes, de acordo com o número que julgou suficiente. É certo que ele os fez segundo um número que ele mesmo tinha definido antes: não se deve pensar como aqueles que querem que se pense que esse número não tem fim, porque onde não há fim não há possibilidade de compreensão nem de determinação. Se fosse assim, o que foi feito não poderia ser nem abrangido nem governado por Deus. Porque aquilo que por natureza é infinito é incompreensível. Além disso, a Escritura diz que Deus criou todas as coisas com número e medida (Sb 11,20), e é por isso que o número se adaptará bem às criaturas racionais ou inteligências, criadas em quantidade conveniente para poderem ser governadas, dirigidas e abrangidas pela providência de Deus. Na verdade, a medida aplica-se bem à matéria corporal; em todo o caso, é preciso acreditar que ela foi criada por Deus em quantidade suficiente para poder suprir os planos divinos de ordenamento do mundo. Esses são, pois, os seres que se supõe tenham sido criados por Deus no início, antes de todas as coisas. Cremos que tudo isso está naquele princípio que Moisés apresenta de modo implícito, quando diz: “No princípio, fez Deus o céu e a terra” (Gn 1,1). Não fala certamente do firmamento nem da terra seca, mas daquele céu e da terra dos quais tomaram depois os seus nomes os céus e a terra que nós vemos.

**2** Mas essas naturezas racionais são necessariamente suscetíveis de alteração e de mudança, porque, como dissemos atrás, foram feitas no início, foram criadas e antes não existiam; elas não existiam, e começaram a existir. Com efeito, fosse qual fosse a potência que estava inerente à sua

substância, não lhes era inerente por natureza, mas como um benefício do Criador. O que elas são não está nelas como próprio e eterno, mas foi concedido por Deus. Não foi sempre assim, e o que uma vez foi concedido pode ser retirado, ou regredir. A causa dessa regressão estará nele se os movimentos da sua alma não forem conduzidos de maneira conveniente e digna de aprovação. Porque o Criador concedeu às inteligências criadas por ele movimentos voluntários e livres para que o bem nelas se tornasse próprio, quando elas o conservam por sua própria vontade; mas a preguiça e o tédio perante o esforço de conservar o bem, e a aversão e negligência com respeito aos valores superiores foram o começo de um afastamento com relação ao bem. Ora, afastar-se do bem e cair no mal é a mesma coisa, pois é certo que o mal é a carência do bem. Acontece, pois, que, à medida que há um retraimento do bem, chega-se ao mal na mesma proporção. Por conseguinte, cada inteligência, ao negligenciar o bem em suas ações, seja de forma ampla, ou restrita, era atraída no sentido contrário do bem, que é com certeza o mal. Parece que o Criador do universo tomou, desse modo, certos germes, e causas da variedade e diversidade, para criar o mundo variado e diversificado, conforme a diversidade das mentes, isto é, das criaturas racionais – diversidade que, me parece, foi produzida pela causa que acima dissemos. Quando dizemos diverso e variado, é isso mesmo que queremos assinalar.

**3** Vamos agora chamar mundo a tudo o que está acima dos céus, ou nos céus, ou na terra, ou no que chamam mundo inferior, e em todos os lugares que de algum modo existem, junto com aqueles que se dizem habitar nesses lugares: a esse todo, portanto, chama-se mundo. Nesse mundo, há seres ditos supracelestes, habitando nas moradas da beatitude maior, e revestidos de corpos mais celestes e mais luminosos; entre eles encontram-se muitas diferenças, como, por exemplo, o que diz o apóstolo: “A glória do sol é uma, outra, a da lua, e outra a das estrelas, porque uma estrela difere da outra em glória” (1Cor 15,41). Há também seres terrestres, e entre eles não pequenas diferenças, como entre os próprios homens: uns deles são bárbaros, outros, gregos, e entre os bárbaros uns são mais selvagens e ferozes, e outros mais pacíficos. Alguns obedecem a leis muito aceitáveis, outros, a leis desprezíveis e rudes, e há os que seguem costumes tão desumanos e ferinos que nem são leis. E há uns que desde a infância vivem em estado de humilhação e sujeição e são educados como escravos,

ou são postos sob o poder de senhores, ou de príncipes, ou de tiranos, mas há os que recebem uma educação mais liberal e racional; há os que são saudáveis, e uns quantos que desde a primeira idade já são enfermos, privados da vista, do ouvido, ou da palavra, ou porque já nasceram assim, ou porque perderam esses sentidos logo após o nascimento, ou sofreram algo semelhante já na idade adulta. Para que me serve expor e enumerar as calamidades das misérias humanas, das quais uns estão isentos e outros são atingidos por elas, se cada um pode, até em si mesmo, considerá-las e avaliá-las uma por uma? Há também potências invisíveis às quais é confiada a direção do que há na terra; e podemos acreditar que mesmo entre elas existem não pequenas diferenças, tal como entre os homens.

É certo que o apóstolo Paulo fala também dos seres dos lugares inferiores, e sem dúvida entre eles se pode procurar uma variedade semelhante. Parece supérfluo estender essa investigação aos animais sem fala, aos pássaros e aos que habitam nas águas, já que é certo que não devemos considerá-los como seres originais, mas como derivados secundários.

**4** Tudo o que foi feito, por Cristo e em Cristo foi feito, como diz o apóstolo Paulo de modo muito explícito: “Porque nele e por ele tudo foi criado, o que está no céu, o que está na terra, as realidades visíveis e as invisíveis, sejam Tronos, Dominações, Principados ou Potestades: tudo foi criado nele e por ele” (Cl 1,16). Do mesmo modo, João o expõe no seu Evangelho dizendo: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. Ela estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ela e sem ela nada foi feito” (Jo 1,1-3). Nos salmos também está escrito: “Tudo foi feito segundo a Sabedoria” (Sl 103,24). Uma vez que Cristo, assim como é Palavra e Sabedoria, é também Justiça, segue-se sem dúvida que o que foi feito na Palavra e na Sabedoria deve também dizer-se que o foi pela Justiça que é Cristo. Por isso, naquilo que foi feito não se deve ver nada de injusto, ou de fortuito, mas deve-se ensinar que tudo está de acordo com as normas da equidade e da justiça. Estou certo de que o modo pelo qual tão grande variedade de coisas e tanta diversidade, com tão perfeita justiça e equidade, se pode entender não é pela inteligência humana nem pela palavra, a não ser que se implore a Palavra, a Sabedoria e a Justiça que é o Filho Unigênito de Deus e que prostrados supliquemos que se digne

difundir em nossos pensamentos a sua graça, para iluminar o que é obscuro, abrir o que está fechado e revelar o que é secreto. É preciso que sejamos de tal modo ao pedir, ao procurar, e ao bater à porta, que no pedir sejamos merecedores de receber, ao procurar encontremos, e ao bater à porta nos mandem abrir. Portanto, para entender como é que toda essa variedade do mundo e essa diversidade se fundam nas razões da justiça, parece que não podemos confiar em nosso entendimento, mas no auxílio dessa mesma Sabedoria que criou o universo e nessa justiça que cremos presente em todas as criaturas; e, se por enquanto não conseguimos afirmar nada, confiaremos na sua misericórdia para tentar investigar e examinar. Por isso, disse acima “razão de justiça” num sentido genérico, pois procurar a causa particular de cada ser é próprio de quem não tem experiência, e julgar que sabe é demência.

**5** Quando dizemos que o mundo, com toda a sua diversidade, tal como a expusemos acima, foi feito pelo Deus que afirmamos ser bom, justo e equânime, muitos objetam que não convém à justiça de Deus ao criar o mundo dar a uns a morada nos céus e não somente uma morada melhor, mas um grau de existência superior e mais glorioso, conceder a outros o principado, a outros atribuir os poderes e as dominações, oferecer a outros os eminentes tronos dos tribunais celestes, que outros brilhem de modo mais resplandecente e cintilem com o esplendor dos astros, que seja outra a glória do sol, diferente da da lua, diferente ainda da das estrelas, e que uma estrela não seja, em sua glória, igual à outra. Assim nos objetam principalmente os que vêm das escolas de Marcião, de Valentim e de Basíides, que sustentam que as naturezas das almas são distintas. Resumindo tudo, e para ser breve: se ao Deus criador não falta a vontade de realizar obra tão boa, nem a capacidade de o fazer, o que é que o pode ter levado a criar as naturezas racionais, da qual ele é a causa da existência, de modo que umas estejam em condição superior, e outras no segundo ou terceiro escalão, e muitas até bem inferiores e degradados? Esses hereges nos objetam depois, a propósito dos seres terrestres, que alguns recebem ao nascer uma parte mais feliz, por exemplo: um é gerado por Abraão e nasce pela promessa, um outro é de Isaque e Rebeca; este, ainda no seio da mãe, suplanta o seu irmão, e dele se diz que antes de nascer é o amado de Deus; ou há ainda aquele que nasce entre os hebreus, é educado na lei de Deus, ou o que está entre os gregos, em que há homens sábios e de não pouco saber,

mas outro entre os etíopes que têm o costume de comer carne humana, ou nos citas, que têm o parricídio quase como uma lei, ou junto aos táurios, que imolam os hóspedes. Dizem-nos, pois: se, ao nascer, há uma variedade de condições tão variadas e diversas, nas quais a faculdade do livre-arbítrio não intervém, pois ninguém escolhe por si mesmo onde vai nascer, nem entre quem, nem em que condições, se, portanto, dizem eles, isso não é causado pela diversidade da natureza das almas, isto é, pelo fato de que uma alma de natureza má seja destinada a nascer num povo de natureza má, e as boas, nos bons, que nos resta senão atribuir essas coisas ao imprevisível e ao acaso? Se aceitamos essa solução, o mundo não terá sido feito por Deus, e não será preciso acreditar que ele é regido pela Providência; conseqüentemente, não há porque esperar, ao que parece, que Deus julgue os nossos atos individuais. Que verdade pode haver nisso? Só o pode saber quem esquadrinha todas as coisas, mesmo as divinas mais altas.

**6** Mas nós, simples humanos, para não alimentar com o nosso silêncio a arrogância dos hereges, daremos às objeções deles as respostas que nos ocorrerem na medida das nossas forças. Já mostramos antes, e muitas vezes, pelas afirmações que fomos buscar às divinas Escrituras, que o Deus criador do universo é bom, justo e todo-poderoso. Quando ele criou o que quis criar, isto é, as criaturas racionais, não o fez por nenhuma outra causa a não ser ele mesmo, isto é, pela sua bondade. Como não havia nele – a causa do que ia ser criado – nem variedade, nem mudança, nem incapacidade, ele os fez todos iguais e idênticos, pois não havia nele nenhuma causa de variação e de diversidade. Como, porém, as próprias criaturas racionais receberam a faculdade do livre-arbítrio, a liberdade da sua vontade convidou cada uma progredir pela imitação de Deus, ou a arrastou na regressão por causa da sua negligência; essa questão já a demonstramos muitas vezes e voltaremos a demonstrar no seu lugar. E isso foi, como já o dissemos antes, causa da diversidade entre as criaturas racionais, sem que isso venha da vontade ou da decisão do Criador, mas das escolhas da liberdade própria. Deus, porém, que já considerava justo governar as suas criaturas de acordo com os méritos delas, dispôs as diversidades das inteligências na consonância de um só mundo, como se fosse uma casa em que houvesse não só recipientes de ouro e prata, mas também de madeira e de argila, uns para uso mais nobre, outros para uso de coisas desprezíveis; e ele decorou a casa utilizando os diversos vasos que são as almas, ou mentes.

Creio eu que é daí que vêm as causas da diversidade deste mundo, porque a divina Providência governa cada um segundo a variedade das suas ações e das intenções dos seus propósitos. Desse modo, nem o Criador pode parecer injusto, porque dispôs cada um conforme seus méritos de acordo com as causas antecedentes; nem se pode pensar que seja resultado do acaso a felicidade ao nascer, ou a desgraça ou qualquer outra condição possível; e também não é preciso acreditar em vários criadores criando almas de naturezas diferentes.

**7** Contudo, não me parece que a Santa Escritura se tenha calado completamente a respeito desse segredo. Quando discute acerca de Esaú e Jacó, o apóstolo Paulo diz: “Quando ainda não tinham nascido nem tinham ainda feito nada de bem ou de mal, para que se mantivesse o propósito da escolha que Deus fizera, não foi por motivo das suas obras, mas pela vontade daquele que os chamou, que se disse: o mais velho servirá o mais novo. De fato está escrito: eu amei Jacó, e detestei Esaú” (Rm 9,11-13). E a seguir, Paulo responde a si mesmo nestes termos: “O que diremos? Que há injustiça em Deus?” (Rm 9,14). Para nos oferecer motivo para procurar e perscrutar sobre essas coisas, e de como elas são feitas não sem razão, responde a si mesmo dizendo: “Longe disso!”. Parece-me que as mesmas perguntas que se põem a respeito de Esaú e de Jacó podem se estender a todos os seres celestiais e às criaturas terrestres e às infernais: “Quando ainda não tinham nascido nem tiveram ainda feito nem o bem nem o mal”, o que se pode dizer de modo semelhante de todos os outros seres. Na opinião desses hereges, quando ainda não tinham sido criados e que não tinham feito ainda nem o bem nem o mal e, como aqueles pensam, a fim de que se mantivesse a decisão e propósito de Deus, uns foram feitos seres celestes, outros, terrestres, e outros, infernais, não em consequência das suas obras, mas pela vontade daquele que os chamou. Se fosse assim, o que diríamos? Que em Deus existe injustiça? De modo nenhum. Portanto, examinando com cuidado as Escrituras acerca de Esaú e Jacó, encontramos que não há injustiça da parte de Deus quando, antes do nascimento e antes que tivessem feito alguma coisa nesta vida presente, diz-se que o mais velho servirá o mais novo; e também se encontra que não há injustiça no fato de Jacó ter suplantado seu irmão no ventre da mãe quando pensamos que, pelos méritos de uma vida, certamente anterior, foi amado por Deus e com razão até ser colocado à frente do seu irmão. Pode-se pensar também



assim das criaturas celestes, se repararmos que essa diversidade não é o estado inicial da criatura, mas que, devido a causas antecedentes, o Criador prepara para cada um uma função e um serviço diferentes conforme a dignidade do seu mérito: isso decorre certamente do fato de que cada um, porque foi criado por Deus como inteligência ou como espírito racional, adquiriu para si mais ou menos méritos em razão das ações da inteligência e dos sentimentos espirituais, e assim se tornou amável ou odiável para Deus. Porém, alguns dos que mais mereceram receberam como ofício, para ordenar o estado do mundo, sofrer com os outros e prestar serviço a seus inferiores, a fim de participar na paciência do Criador segundo as palavras do Apóstolo: “Com efeito, a criação foi submetida à vaidade contra sua vontade, mas por causa daquele que a submeteu, na esperança” (Rm 8,20).

Considerando o que diz o Apóstolo quando fala do nascimento de Esaú e Jacó: “Há injustiça em Deus? De modo nenhum!” (Rm 9,14). Parece-me correto aplicar essa mesma afirmação a todas as criaturas, pois, como já dissemos acima, a justiça do Criador deve manifestar-se em todas. Isso seria mostrado mais claramente, creio eu, se cada ser celeste, terrestre ou infernal levasse em si, antecedendo o seu nascimento corporal, a causa dessas diferenças. De fato, tudo foi criado pela Palavra de Deus e pela Sabedoria e foi ordenado pela sua Justiça. Ele cuida de todos os seres pela graça da sua misericórdia, exorta-os a se deixarem tratar por todos os remédios possíveis e convida-os à salvação.

**8** Tal como mostraremos mais adiante, se Deus quiser, não há dúvidas de que, no dia do julgamento, os bons serão separados dos maus e os justos dos injustos, e que cada um será distribuído de acordo com o seu mérito pelo juízo de Deus para os lugares de que for digno; parece-me, porém, que algo de semelhante já foi feito. É preciso acreditar que Deus age e governa sempre todas as coisas conforme seu juízo. É o que ensina o Apóstolo quando diz: “Numa casa grande, encontram-se não somente vasos de ouro e de prata, mas também vasos de madeira e de argila, uns para uso mais digno, outros para usos desprezíveis” (2Tm 2,20-21), e acrescentando: “Se alguém for purificado, será um vaso santificado para uso digno, útil ao Senhor e disposto para todas as tarefas boas”, mostra sem dúvida que aquele que foi purificado nesta vida estará preparado para toda obra boa no futuro, mas aquele que não se purificou será, na medida da sua impureza,

um vaso destinado ao uso desprezível, isto é, um vaso indigno. Pode-se, portanto, compreender que esses vasos racionais tenham antes sido purificados, isto é, que eles se tenham, ou não, purificado eles mesmos, e que por essa razão cada um desses vasos obteve, na medida da sua pureza ou impureza, tal lugar, tal região, tal condição para nascer ou para fazer alguma coisa neste mundo. Deus, que provê a tudo nos menores detalhes, pelo poder da sua Sabedoria que discerne tudo quanto governa pelo seu juízo, dispôs todas as coisas segundo uma distribuição muito equitativa, a fim de que cada um seja socorrido, e que haja sobre ele um cuidado vigilante. Aqui se manifesta seguramente o ponto de vista da equidade, porque a desigualdade das condições respeita a justa distribuição segundo os méritos. A avaliação exata desses méritos, para cada um, com verdade e clareza, só Deus a conhece, com a Palavra que é seu Filho Único e com o Espírito Santo.

## 10. A ressurreição

**1** Uma vez que o assunto de que tratamos nos chamou a atenção para o julgamento futuro, e para o castigo e suplícios dos pecadores, e que as santas Escrituras e a pregação eclesiástica contêm advertências, vejamos o que se deve pensar acerca do tempo do julgamento, do fogo eterno, das trevas exteriores, da prisão e da fornalha e de outros tormentos semelhantes que estão preparados para os pecadores. Mas, para lá chegar conforme uma ordem conveniente, parece-me que é preciso falar da ressurreição para saber de que natureza vai ser o castigo, ou qual o descanso e a felicidade; sobre tudo isso já discutimos mais completamente em outros livros que escrevemos sobre a ressurreição e neles expusemos a nossa opinião. Contudo, não vai parecer fora de propósito retomar aqui em poucas palavras a questão, por causa do andamento das ideias, e sobretudo porque alguns, principalmente entre os hereges, encontram ocasião de escândalo na fé da Igreja, pensando que a nossa fé na ressurreição é estúpida e completamente insensata. No meu entender, deve-se lhes responder deste modo: se eles também reconhecem que há uma ressurreição dos mortos, que nos respondam: o que morre não é o corpo? Então é o corpo que ressuscitará. Diga, depois, se utilizaremos corpos, ou não. Penso que eles não podem recusar a ressurreição do corpo, e que, na ressurreição, nós nos serviremos de corpos, porque o apóstolo Paulo disse: “um corpo animal foi semeado, e um corpo espiritual ressuscitará” (1Cor 15,44). Qual é a consequência? Se é certo que usaremos corpos e que os corpos que caíram são os que se levantarão, segundo a pregação apostólica – pois não se diz propriamente levantar se não daquilo que antes caiu –, não há nenhuma dúvida de que serão esses corpos que se levantarão para nós nos revestirmos com eles na ressurreição. Uma afirmação está ligada com a outra, porque, se os corpos ressuscitam, é sem dúvida para nos revestir, e se é necessário, como de fato é, estarmos em corpos, não deveremos estar em outros corpos a não ser nos nossos. Se é verdade que os corpos ressuscitarão, e que ressuscitarão espirituais, não há dúvida de que o farão após terem rejeitado a corrupção e posto de lado a mortalidade, para que se diga que ressuscitaram dos mortos, se não ia parecer em vão e inútil que alguém ressuscitasse dos mortos para morrer outra vez. Pode-se compreender isso com mais evidência se se considera cuidadosamente qual

é a qualidade do corpo animal que, semeado na terra, é restaurada na qualidade do corpo espiritual. O próprio poder e a graça da ressurreição retiram o corpo espiritual do corpo animal, enquanto o fazem passar da indignidade à glória.

**2** Como, porém, há hereges que se acham muito sabedores e sábios, lhes perguntaremos se todos os corpos possuem uma aparência externa, isto é, se têm uma disposição visível. Se eles disserem que há corpos que não têm nenhuma aparência visual vão parecer os mais ignorantes e insensatos dos homens. Ninguém o pode negar, a não ser que tenha sido afastado de toda instrução. Se eles disserem, como é correto, que todo corpo tem uma forma determinada, perguntaremos se podem mostrar e descrever um corpo espiritual, o que, certamente, de modo nenhum poderão fazer. Então lhes perguntaremos quais são as características que distinguem os que ressuscitam. Como é que mostrarão a verdade disto que foi dito: “A carne das aves é uma, distinta da dos peixes; há corpos celestes, e corpos terrestres; uma é a glória do sol, e outra a da lua, e outra, ainda, a das estrelas, porque as estrelas diferem entre si na glória, e assim será na ressurreição dos mortos” (1Cor 15,39-42). Que nos mostrem, a partir dos corpos celestes, as diferenças de glória entre os que ressuscitam, e, se se esforçaram de alguma maneira para encontrar outras razões para as diferenças que existem entre os corpos celestes, pediremos que nos indiquem também, por comparação com os corpos terrestres, que diferenças se encontram na ressurreição. O que nós entendemos é que o apóstolo, querendo descrever as diferenças que há entre os que ressuscitam na glória, ou seja, os santos, tomou uma comparação com os corpos celestes, dizendo: “a glória do sol é uma, e a da lua é outra, e outra, ainda, a das estrelas”. E, por outro lado, querendo nos ensinar quais são as diferenças entre os que não estão purificados quando chegam à ressurreição, isto é, os pecadores, toma um exemplo dos terrestres, dizendo: “A carne das aves é uma, distinta da dos peixes”. Está certo comparar os seres celestes com os santos e os terrestres com os pecadores. Tudo isso seja dito contra os que negam a ressurreição dos mortos, isto é, a ressurreição dos corpos.

**3** Dirigimo-nos agora a alguns dos nossos, que, pela sua pouca inteligência, ou pela fraqueza da explicação, apresentam uma concepção baixa e medíocre da ressurreição dos corpos. Perguntamos como é que

entendem que, graças à ressurreição, o corpo animal será mudado no futuro em espiritual; como é que pensam que o que foi semeado na enfermidade ressuscitará na força, e que o que é semeado na baixeza ressuscitará na glória, que o que é semeado na corrupção passará à incorrupção. Se eles acreditam no que diz o Apóstolo, que, ressuscitando o corpo na glória, na força e na incorruptibilidade daí para diante já se tornou espiritual, parece absurdo e contra o entender do Apóstolo dizer que de novo se manchará com as paixões da carne e do sangue, quando o Apóstolo diz claramente: “A carne e o sangue não possuem o reino de Deus e a corrupção não possuirá a incorrupção” (1Cor 15,50). E como entendem esta outra palavra do Apóstolo: “Todos seremos mudados” (1Cor 15,51). Essa mudança deve-se esperar de acordo com a norma que explicamos antes e que nos permite sem dúvida esperar da graça divina algo digno. Pensamos que se passará da mesma maneira que com o grão de trigo, ou de outras plantas, que, semeado na terra, seguindo o exemplo que dá o Apóstolo, recebe de Deus o corpo que Deus quer depois que esse grão de trigo morre na terra. Devemos supor que os nossos corpos também cairão na terra como o grão. Há neles um princípio que mantém a substância corporal; mesmo que os corpos estejam mortos, corrompidos e dispersos, esse princípio, que permanece intacto na substância do corpo, pela ação da Palavra de Deus, levantará os corpos da terra, os reconstituirá, restaurará, do mesmo modo que a força que está no grão de trigo, depois da corrupção e da morte, restaura e reconstitui o grão no corpo da palha e da espiga. Assim, para aqueles que merecerão obter o reino dos céus como herança, essa razão seminal que se encontra no corpo a ser reparado, aquela da qual falamos acima, sob as ordens de Deus refaz um corpo terrestre e animal em um corpo espiritual que poderá habitar nos céus. Mas aqueles que forem inferiores, ou mesmo de mérito muito baixo, e mais ainda os que forem os últimos e os reprovados, receberão a glória e a dignidade do corpo em proporção à dignidade da alma e da vida de cada um, porém, de tal maneira que o corpo dos que são destinados ao fogo eterno e aos suplícios ressuscitará certamente incorrupto em consequência da transformação operada pela ressurreição, para que os suplícios não possam corrompê-lo nem destruí-lo.

**4** Se é assim com a qualidade dos corpos que ressuscitarão dos mortos, vejamos o que significa a ameaça do fogo eterno. No profeta Isaías, encontra-se a indicação de que o fogo que castiga é próprio de cada um:

“Andai na luz do vosso fogo e na chama que acendestes para vós mesmos” (Is 50,11). Essas palavras parecem mostrar que cada um dos pecadores acende para si mesmo a chama de um fogo que lhe é própria, em vez de ser mergulhado num outro fogo que tivesse sido aceso antes por outrem, ou que existisse antes dele. A alimentação e matéria desse fogo são os nossos pecados, que o apóstolo Paulo chama lenha, feno e palha (1Cor 3,12). Quando há abundância de alimentos no corpo, os alimentos cuja qualidade ou quantidade nos são contrários geram febres de natureza e duração diversas, uma vez que os excedentes acumulados fornecem a essas febres matéria e estímulo; essa quantidade de matéria, acumulada por vários excessos, é causa da gravidade da doença ou da sua prolongação; a meu ver, tal é também a alma quando acumulou nela uma multidão de más obras e abundância de pecados, pois toda essa acumulação de males ferve no momento apropriado para seu suplício e se incendeia para seu castigo. Por outro lado, quando a inteligência, ou a consciência, lembrando-se, pelo poder divino, de todos os atos cujas marcas e forma se imprimiram nela quando pecava, tudo o que ela fez de mal e de vergonhoso, e, ainda, tudo o que ela cometeu de ímpio, verá, assim, de algum modo, exposta diante dos seus olhos a história de cada um de seus crimes; então a consciência fica agitada e como que espicaçada pelos seus próprios ferrões e torna-se para si mesma a acusadora e testemunha. No meu entender, o apóstolo Paulo teve uma ideia semelhante quando disse: “Os nossos pensamentos se acusam uns aos outros ou se defendem no dia em que Deus julgar as ações secretas dos homens segundo o meu Evangelho por Jesus Cristo” (Rm 2,15-16). Daqui se pode entender que, no que diz respeito à própria substância da alma, os maus sentimentos dos pecadores geram eles mesmos certos tormentos.

**5** Para que o entendimento dessas coisas não te pareça difícil demais, podemos considerar as paixões viciosas que costumam tomar conta das almas, por exemplo, quando se inflamam de amor, ou quando ficam enraivecidas com o fogo da inveja ou do ciúme, ou se agitam com a loucura da raiva, ou se consomem numa imensa tristeza – e vê-se como alguns, julgando insuportáveis os excessos do mal, preferiram sofrer a morte a suportar tal espécie de tormentos. Pode-se com certeza perguntar se aqueles que se enredaram nos males daqueles vícios de que falamos acima nunca tiveram aqui nesta vida nenhuma emenda e dessa maneira deixaram o mundo – será para eles suficiente castigo continuar a ser torturados pelos

efeitos malignos das paixões – cólera, ira, loucura, tristeza –, já que nenhum remédio nesta vida mitigou o seu veneno mortal; ou, tendo-se mudado as suas paixões, deverão sofrer os castigos comuns aos outros. Julgo que também se pode pensar noutra espécie de suplícios: quando os membros são rasgados e arrancados das suas articulações, o corpo sofre tormentos imensamente dolorosos; assim também a alma, quando se encontra separada da ordem, da organização e também da harmonia que Deus lhe deu na criação para lhe permitir bem agir e experimentar sentimentos úteis, e não encontra em si mesma a consonância e o acordo dos movimentos racionais, pensaremos que ela sofre a pena e o tormento dessa ruptura interior e que ela se ressentida do suplício da sua inconstância e desordem. Mas, quando a separação e o desgarramento da alma forem postos à prova pelo fogo que lhe será aplicado, sem dúvida ela será consolidada e restabelecida na sua união interior.

**6** Há ainda muitas outras coisas que nos escapam e que só o médico das nossas almas conhece. Com efeito, para curar os corpos das doenças contraídas pela comida e pela bebida, por vezes, é necessário a cura com remédios amargos e ásperos, ou mesmo, quando a natureza do mal o exige, temos necessidade de sentir a dureza do ferro e sofrer duras operações, quanto mais, nos casos em que esses remédios são impotentes perante a gravidade da doença, em último lugar o fogo queima o mal: com mais razão se deve pensar que Deus, nosso médico, para destruir os males nas nossas almas, contraídos em decorrência de nossos vários pecados e crimes, usa para nos cuidar de castigos desse tipo, aplicando mesmo o suplício do fogo aos que perderam a saúde da alma.

Dessas coisas, encontram-se imagens nas santas Escrituras. De fato, no Deuteronômio, a palavra divina ameaça os pecadores com castigos como as febres, calafrios, icterícia, e de atormentá-los com tremores nos olhos, alienação mental, paralisia, cegueira e doenças dos rins. Se alguém tiver tempo para escolher em toda a Escritura as menções feitas aos males com que os pecadores são ameaçados sob designações de doenças corporais, esse encontrará que, com essas alusões, estão figurados os vícios e os suplícios das almas. Para nos fazer compreender que Deus age para com aqueles que caíram e pecaram da mesma maneira que os médicos aplicam remédios aos enfermos para que recuperem a saúde pelos seus cuidados,

podemos ver um sinal, de acordo com o profeta Jeremias (Jr 25,15-16), na ordem de oferecer o cálice da fúria divina a todas as nações, para que elas bebam, que fiquem transtornadas e o vomitem. E o profeta os ameaça dizendo que aquele que não quiser beber não será purificado. É preciso, portanto, compreender que a fúria da vingança divina aproveita à purificação das almas. Isaías ensina também que o castigo infligido pelo fogo deve ser entendido como um remédio que se aplica, quando ele diz de Israel: “O Senhor lavará as impurezas dos filhos e das filhas de Sião e limpará o sangue que está no meio deles com um espírito de julgamento e um espírito que queima” (Is 4,4). Fala também dos caldeus: “Senta-te sobre as brasas, serão para ti um auxílio” (Is 47,14), e noutro lugar diz: “Deus os santificará no fogo ardente” (Is 66,16). Eis o que diz no profeta Malaquias: “O Senhor se sentará e derreterá seu povo como ouro e prata, derreterá, e purgará, e fundirá os purificados filhos de Judá” (Ml 3,3).

**7** Dos intendentos desonestos, diz o Evangelho que serão cortados ao meio e que uma parte deles será colocada entre os infiéis (Lc 12,46) como se essa parte não pertencesse, e tivesse de ser enviada para outro lugar; aqui sem dúvida indica o modo como são castigados aqueles que, me parece, devem ter o espírito separado da alma. Se por esse espírito se deve entender como sendo de natureza divina, isto é, o Espírito Santo, pensaremos que isso se diz do dom do Espírito Santo, quer tenha sido dado pelo batismo, quer pela graça do Espírito; quando alguém recebeu o dom da palavra de sabedoria, ou da palavra do conhecimento ou de qualquer outro dom, se ele não foi bem administrado, se foi enterrado no chão, ou envolvido num pano, certamente o dom do Espírito é separado da alma, e a parte que fica, isto é, a substância da alma, é colocada entre os infiéis, afastada e separada desse espírito com o qual ela deveria ter se unido ao Senhor para ser um só espírito com ele. Mas, se isso não é para se entender do Espírito de Deus, mas da própria natureza da alma, o que se diz da parte superior é o que foi feito à imagem e semelhança de Deus, e a outra parte é aquela que ela assumiu depois por causa da queda do livre-arbítrio, contrariamente à natureza da sua primeira condição e da sua pureza; essa parte, no que é amiga da matéria corporal e por ela amada, será punida recebendo o destino dos infiéis. Essa divisão pode ainda entender-se num terceiro sentido: cada um dos fiéis, mesmo o menor na Igreja, segundo a Escritura, é assistido por um anjo, e o Salvador relata que esse anjo vê continuamente a face de Deus;



e esse anjo, que de certo modo era um só com aquele de quem era o tutor, é-lhe retirado por Deus segundo o que está dito, se se torna indigno pela desobediência; e então à parte, isto é, à parte da natureza humana, arrancada da sua parte divina, lhe é assinalado um lugar entre os infiéis, porque não conservou fielmente os conselhos do anjo que Deus tinha colocado junto dele.

**8** Quanto às trevas exteriores: elas não designam, na minha opinião, um lugar escuro num espaço privado de luz, mas o estado daqueles que são mergulhados nas trevas de uma ignorância profunda, totalmente fora da luz que vem da razão e do entendimento. Também se pode considerar se essa expressão não significaria outra coisa: tal como os santos na ressurreição, uma vez tornados luminosos e gloriosos, receberão os corpos nos quais viveram de maneira santa e pura quando habitavam nessa vida, assim os ímpios que nesta vida amaram as trevas do erro e a noite da ignorância serão revestidos, depois da ressurreição de corpos sombrios e obscuros, para que as trevas da ignorância que neste mundo tinham ocupado o interior da inteligência deles no futuro apareça no exterior pela veste corporal. De modo semelhante se deve pensar do cárcere. Essas coisas que dissemos em poucas palavras devem ser suficientes por agora, para que se respeite a ordem dos assuntos.

## **11. As promessas**

**1** Vejamos agora brevemente o que pensar das promessas. Certo é que nenhum animal pode ficar completamente ocioso e imóvel, mas deseja se remexer, agir sempre e querer alguma coisa, seja de que modo for; penso que essa é, de modo evidente, a natureza das coisas animadas. Com mais forte razão, o homem, animal racional, tem sempre necessidade de se mover e de agir. Se alguém se esquece de si mesmo e ignora o que lhe convém, toda a sua atenção se voltará para os usos corporais e se envolverá com todos os movimentos sensuais e com os prazeres do corpo; mas se é alguém que procura se ocupar com o bem comum e cuidar dele, servirá à república e cumprirá as ordens dos magistrados e tudo o mais que parece contribuir para a utilidade comum. Contudo, se é capaz de compreender o que está acima das realidades corporais e se dedicar à sabedoria e ao conhecimento, sem dúvida aplicará toda a sua atividade a estudos desse tipo, para procurar

a verdade e conhecer as causas e a natureza das coisas. Da mesma forma que nesta vida alguém considera como bem máximo o prazer do corpo, e outro o cuidado do bem comum, outro ainda trabalha no estudo das realidades intelectuais, assim também nós procuramos se naquela vida que é a verdadeira vida, que se diz que está escondida com Cristo em Deus, isto é, nessa vida eterna, nossa condição e nosso modo de ser serão de algum modo semelhantes a esses.

**2** Alguns, recusando de certo modo o esforço da inteligência e aplicando-se de modo superficial ao sentido da lei, comprazendo-se, sobretudo, nos deleites e de algum modo na libido, discípulos só da letra, julgam que se precisa esperar o cumprimento futuro das promessas na sensualidade e na luxúria corporal. E é por isso que desejam reencontrar na ressurreição um corpo carnal que lhes permita para sempre comer, beber e realizar todos os atos que são próprios da carne e do sangue, não aceitando a opinião do apóstolo Paulo sobre a ressurreição do corpo espiritual. A consequência disso é que acrescentam no futuro a capacidade de se casar e procriar filhos mesmo depois da ressurreição; imaginam que Jerusalém será reedificada como uma cidade terrestre, com pedras preciosas nas suas fundações, paredes construídas com jaspe, e muralhas adornadas com cristais, cercada de pedras variadas e bem escolhidas: jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sardônica, ônix, crisólito, crisopraso, jacinto e ametista. Julgam que terão lá os servos estrangeiros como criados dos seus prazeres, como lavradores e vinhateiros, e pedreiros para reconstruir sua cidade demolida e desmoronada; pensam que lhes serão oferecidos os produtos das nações para comer, e que serão os senhores das riquezas dos outros, de tal modo que até os camelos de Madian e de Efa virão lhes trazer ouro, incenso e pedras preciosas. Empenham-se em confirmar tudo isso com a autoridade dos profetas, pelas promessas feitas a Jerusalém, pois está dito que os que servem a Deus comem e bebem, porém que os pecadores têm fome e sede, que os justos ficarão alegres e os ímpios na vergonha. Invocam do Novo Testamento a palavra do Senhor, que promete aos discípulos encontrar alegria no vinho: “Não mais beberei dele até que beba um vinho novo convosco no reino do meu Pai” (Mt 26,29). Ainda acrescentam que o Salvador proclama bem-aventurados os que agora têm fome e sede, prometendo-lhes ser saciados; e trazem muitos outros textos da Escritura, sem perceber que eles devem ser entendidos de modo figurado

e espiritual. Então julgam que serão reis e príncipes, como os deste mundo, entendendo isso segundo as dignidades, hierarquias e autoridades que há na terra, seguramente por causa da palavra evangélica: “Terás autoridade sobre cinco cidades” (Lc 19,19). Em resumo: querem que tudo aquilo que esperam do cumprimento das promessas seja exatamente semelhante ao modo de ser desta vida, isto é, que o que é agora, seja outra vez. É assim que pensam os que creem em Cristo, mas entendem as Escrituras à maneira dos judeus, sem presumir nada que seja digno das promessas divinas.

**3** Mas os que recebem as interpretações das Escrituras segundo o que pensaram os apóstolos esperam que o que alimentará os santos será o pão da vida que sustenta a alma com a comida da verdade e da sabedoria, ilumina a inteligência e tira a sede com o cálice da divina sabedoria, conforme o que diz a Escritura: “A Sabedoria preparou a mesa, imolou as vítimas, misturou seu vinho na bacia e proclama em alta voz: vinde a mim, comei os pães que preparei para vós, e bebei o vinho que para vós misturei” (Pr 9,2-5). Sustentada por esses alimentos da Sabedoria, a inteligência se restabelece na sua integridade e na sua perfeição, no estado em que o homem foi criado no início, à imagem e semelhança de Deus. Assim, mesmo aquele que deixar esta vida com poucos conhecimentos, mas apresentar obras dignas de aprovação, poderá ser instruído nessa Jerusalém, cidade dos santos, isto é, receberá ensinamento e formação e se tornará uma pedra viva, uma pedra preciosa e seleta, porque terá sofrido com coragem e constância as lutas desta vida e os combates pela religião; e lá ele conhecerá de modo mais verdadeiro e claro o que já lhe terá sido dito aqui: “O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Deve entender-se que os príncipes e os dirigentes são os que comandam os inferiores, os instruem, ensinam e os formam no conhecimento das realidades divinas.

**4** Mas, se essas coisas não parecem inspirar um desejo adequado nas mentes que mantêm essas esperanças materiais, retomemos o assunto e perguntemos em que medida é natural, e está incutido na alma, o desejo da realidade, para descrever depois, pela via de uma interpretação coerente, como é a forma desse pão de vida, a qualidade desse vinho e a função dos Principados. Assim como nos ofícios manuais o pensamento tem a ideia do que deve ser feito, como fazer, e com que finalidades, e depois é que as

mãos o executam, assim também, no que se refere às obras divinas, que foram feitas por Deus, é preciso pensar que a ideia e a compreensão do que ele fez e que nós vemos permanecem escondidos. Quando, com os nossos olhos, vemos os objetos feitos pelo artesão, se algum deles nos parece especialmente bem-feito, logo queremos vivamente saber de que modo e com que habilidade foi feito, e para que usos; muito mais, e acima de qualquer comparação, sentimos um desejo ardente e inefável de conhecer os princípios das obras de Deus, que nós vemos. Esse desejo, esse amor, sem dúvida acreditamos que foi Deus que o incutiu em nós. Assim como o olho, pela sua natureza, procura a luz e a visão, como o nosso corpo pela sua natureza deseja comida e bebida, assim a nossa inteligência tem nela um desejo que lhe é próprio e natural de conhecer a verdade divina e as causas das coisas. Não recebemos de Deus esse desejo para que ele não deva nem possa nunca ser satisfeito; se fosse assim, se nunca pudesse obter o que deseja, seria em vão que Deus criador teria posto o amor da verdade em nossa inteligência. É por isso que aqueles que nesta vida piedosamente se dedicaram a estudar a religião à custa de muito trabalho, certamente não compreendendo mais do que umas poucas coisas dos numerosos e imensos tesouros do conhecimento divino, contudo, pelo simples fato de ocupar nisso o seu entendimento e a sua mente, e se ultrapassar a si mesmos pelo desejo, recebem daí muito proveito, porque se voltam para o gosto e o amor da busca da verdade, e se tornam mais preparados para receber a instrução futura. De modo parecido, quando se quer pintar uma imagem, se antes de traçar as linhas da figura definitiva se desenha um esboço com traço leve e se preparam as indicações adequadas para receber os rostos que serão pintados por cima, é evidente que a figuração esboçada será suscetível de receber as cores verdadeiras. Isso vale também para o conhecimento da verdade se, nesse caso, o esboço e a prefiguração forem desenhadas por Nosso Senhor Jesus Cristo nas tabuinhas do nosso coração. Foi talvez por isso que se disse “àquele que tem ser-lhe-á dado mais e acrescentado” (Mt 25,29). É certo, pois, que, no futuro, será acrescentada a beleza da imagem perfeita àqueles que nesta vida já têm algum tipo de rascunho da verdade e do conhecimento.

**5** Julgo que era isso que dizia aquele que assim exprimiu seu desejo: “Estou coagido numa alternativa, desejando morrer para ficar com Cristo, o que seria muito melhor” (Fl 1,23). Ele já sabia que iria conhecer as razões

de tudo o que se passa sobre a terra quando retornasse a Cristo: o que se refere ao homem, sua alma e sua inteligência, os elementos que compõem o homem, o que é o espírito principal, o que é o espírito que age, e também o espírito vital, e o que é a graça do Espírito Santo que é dada aos fiéis. Compreenderá então o significado de Israel, da diversidade das nações, e o que querem dizer as doze tribos de Israel, e de cada grupo em cada tribo. Compreenderá ainda a razão de ser dos sacerdotes, dos levitas e das diferentes classes sacerdotais, e de que modo isso estava em Moisés; até saberá qual é a verdade dos jubileus e das semanas de anos perante Deus. Verá também a razão dos dias de festa e dos dias de repouso, das causas dos sacrifícios e das purificações. Constatará a razão das purificações dos diversos tipos de lepra e dos que sofrem de fluxo seminal. Conhecerá a identidade, a quantidade e a natureza dos poderes bons e dos poderes contrários, e por que aqueles têm afinidades com os homens, e estes, por inveja, os combatem. Verá ainda a natureza das almas, a diversidade dos seres animados, quer sejam animais aquáticos, pássaros, ou animais selvagens, a causa que divide cada gênero em tantas espécies, os objetivos do Criador, o significado escondido que a Sabedoria dá a esses seres. Conhecerá também por que certas raízes e ervas estão associadas a determinados poderes, e, ao contrário, por que outras ervas e raízes deles estão privadas; também a razão de ser dos anjos apóstatas, e por qual causa eles podem lisonjear em certas coisas aqueles que não os desprezam com toda a sua fé, e ser para eles causa de erro e de perdição. Aprenderá os julgamentos da divina Providência acerca de cada um desses seres, sobre o que acontece aos homens e não é resultado da sorte ou do acaso, mas de uma razão tão bem examinada e tão estrita que não perde de vista nem o número dos cabelos não somente dos santos, mas, ainda, de todos os homens: essa razão da Providência estende-se até aos dois passarinhos que são vendidos por uma moeda, quer se entenda os dois passarinhos no sentido espiritual, ou à letra. Agora ainda fazemos perguntas sobre esses assuntos, mas, depois, lá no alto, deles teremos uma visão clara.

**6** Depois de tudo isso, é preciso pensar que não pouco tempo decorrerá para que, depois da sua morte, seja mostrado aos homens que disso são dignos e o mereceram, a razão do que se passa sobre a terra para que o entendimento de todos esses mistérios e a graça de um conhecimento completo os façam gozar de uma alegria indescritível. O ar que está entre o

céu e a terra não está vazio de seres animados, e de animados racionais, conforme diz o Apóstolo: “Por algumas vezes vivestes em pecado, segundo os tempos deste mundo, segundo aquele poder que governa estes ares, o espírito que age nos filhos da desobediência” (Ef 2,2), e de novo ele diz: “Seremos abduzidos nas nuvens ao encontro de Cristo nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor” (1Ts 4,17); sendo assim, é preciso pensar que os santos ficarão aí por algum tempo para de duas maneiras conhecer a razão do que se passa nos ares. Disse “de duas maneiras”, isto é, quando estávamos na terra, vimos os animais e as árvores, constatamos as diferenças e também as grandes diversidades entre os homens; porém, ao vê-las, não sabíamos as razões delas, apenas fomos levados, à vista dessa diversidade que percebemos, a investigar e perscrutar a diversidade de todos esses seres que foram criados tão diferentes e governados de maneira tão variada. Tendo concebido na terra o gosto e o amor por esse conhecimento depois da morte, receberemos a ciência e a compreensão dele, se as coisas acontecerem como desejamos; quando tivermos o saber completo das suas razões, então compreenderemos de duas maneiras o que vimos sobre a terra. Da estadia nos ares pode-se falar, portanto, de modo semelhante. De fato, é minha opinião que os santos, ao deixarem esta vida, permanecerão num lugar situado na terra, aquele que a divina Escritura chama Paraíso, como se fosse num lugar de instrução, ou, por assim dizer, um auditório ou uma escola das almas, para serem instruídos acerca de tudo o que viram na terra, e para receberem também algumas indicações sobre o que verão depois; certamente nesta vida receberam alguma ideia das realidades futuras, mas ainda em parte, através de um espelho, em enigma; elas serão reveladas aos santos de maneira mais clara e mais luminosa nos lugares e tempos convenientes. Se alguém tem mesmo o coração puro, a mente mais limpa e o pensamento mais treinado, progredirá mais rapidamente, e depressa subirá ao espaço aéreo e chegará aos reinos dos céus através do que poderíamos chamar as moradas de cada lugar, a que os gregos chamaram *sfairas*, isto é, globos, e que a Escritura divina chama céus. Em cada uma ele perceberá primeiro o que lá se passa e depois a própria razão do que acontece, e assim percorrerá pela ordem cada coisa, na esteira daquele que adentrou os céus, Jesus, Filho de Deus, ele que disse: “Quero que lá onde eu estiver, estejam estes comigo” (Jo 17,24). Ele dá uma ideia dessa diversidade de lugares quando diz: “Há muitas moradas junto de meu Pai” (Jo 14,2). Quanto a ele, está em toda a parte e percorre

todas as coisas; não o compreendamos mais naquela exiguidade que para nós e perante nós ele assumiu, isto é, nos estreitos limites que o encerraram quando estava na Terra entre os homens, com um corpo como o nosso, e que pode fazer pensar que ele está circunscrito num só lugar.

7 Quando os santos chegarem, por assim dizer, aos lugares celestes, então contemplarão a natureza dos astros um por um, e saberão se eles são seres animados ou alguma outra coisa. Mas eles compreenderão também as razões das obras de Deus, porque ele mesmo as revelará. Então, como a seus filhos, ele revelará as causas das coisas e o poder da criação, lhes ensinará por que tal estrela fica colocada em tal lugar do céu e por que está separada de outra por tal intervalo; se ela estivesse, por exemplo, mais próxima, quais teriam sido as consequências, e, se ela estivesse mais longe, o que teria acontecido? Ou, se essa estrela fosse maior do que a outra, como teria sido diferente o universo, pois tudo teria tomado outra figura. Assim, pois, tendo percorrido a ciência da natureza dos astros e das relações dos seres celestes, chegarão ao que não se vê, às realidades invisíveis que só conhecemos de nome. O apóstolo Paulo ensinou-nos que elas são numerosas, mas não podemos fazer a mesma conjetura sobre a sua natureza e as suas diferenças. Desse modo, a natureza racional, crescendo pouco a pouco, não como ela crescia nesta vida, quando estava na carne, ou em corpo e alma, mas pela mente e o pensamento, chega, como uma inteligência já perfeita, ao perfeito conhecimento, sem que os sentimentos carnis lhe façam mais obstáculos, mas, desenvolvida pelo conhecimento intelectual, ela contempla sempre na sua pureza e, por assim dizer, face a face, as causas das coisas; ela adquire assim a perfeição, primeiro da que lhe permite a ascensão, em seguida daquela que permanece, e ela tem como alimento a contemplação das coisas e o que as causa. Assim como nesta vida corporal primeiro crescemos no corpo, e nos primeiros anos a quantidade suficiente dos alimentos nos serve para crescer, mas depois, quando atingimos a estatura adequada à medida do nosso crescimento, já não usamos o alimento para crescer, mas para viver e nos conservar na vida pela comida, assim, segundo creio, quando a mente chega à perfeição, ela se alimenta, ela usa os alimentos que lhe são próprios e lhe convêm à medida que não há falta nem excesso. Em tudo é preciso entender como alimento a contemplação e a compreensão de Deus segundo as medidas que lhe são próprias e convêm à natureza que foi feita e criada; é preciso que

aqueles que começam a ver Deus, isto é, a compreendê-lo na pureza do seu coração, observem essas medidas.



## NOTAS

[1] Ver o comentário de Henri Crouzel & Manlio Simonetti, *Origène. Traité des Principes II* (Livres I et II), Paris: Éditions Du Cerf, 1978: “O anatematismo II de 553 condena a proposição segundo a qual os seres racionais teriam formado uma unidade com o Logos. Desejou-se compreender daí que, para Orígenes, sua unidade inicial teria compreendido também o Logos, e isso contribuiu à confusão, frequente entre os especialistas de Orígenes, entre o mundo das inteligências preexistentes. Ora, os anatematismos de 553 não visam Orígenes, mas os origenistas do século VI, os isocristas, e são em boa parte citações literais de Evágrio Pôntico. Para Orígenes, é a alma humana preexistente unida ao Verbo que está ligada à unidade das inteligências preexistentes... O Logos faz parte do mundo divino e não diretamente do mundo da criação racional” (131-132).

[2] O tema do Deus ocioso é a consequência extrema do dogma helenístico da impassibilidade de Deus.

[3] A lei põe em evidência o pecado. (N.T.)

[4] Ver o comentário de Henri Crouzel & Manlio Simonetti, *Origène. Traité des Principes II* (Livres I et II): “A diferença essencial do mundo estoico e do mundo de Orígenes é que o determinismo físico do primeiro é substituído por uma dinâmica espiritual e moral, a escolha entre o bem e o mal determinando os movimentos do mundo... Para Orígenes, os seres racionais foram criados por Deus em número determinado desde o início e eles são também os atores deste drama ou desses dramas sucessivos: eles são figurados aqui pelos grãos de trigo” (147-148).

[5] Crouzel refere essa citação aos *Salmos*, e Harl, a *Tobias*, mas as traduções comuns, a *Vulgata* e os *Setenta*, não dizem “et adhuc”, ou “mais além”, mas “na eternidade”; aliás, Tobias, na *Vulgata* tem essa frase em 13,23, e os *Setenta* em 13,18. (N.T.)

[6] *Apocalipse grego de Baruc*: na versão ainda existente, fala só de cinco mundos. (N.T.)

[7] Esta distinção é sublinhada pela identidade do invisível e do incorporeal: *Sobre s Princípios I, Prefácio 8-9*; I,7,1; IV,3,15. O texto comentado aqui na nota parece supor que esta terra é visível por natureza, o que supõe nos bem-aventurados certa corporeidade, mas invisível aos mortais. Comparar a nossa passagem com II,11,7. Não há contradição: “o termo *noētós* é sempre aplicado ao mundo das ideias, razões e mistérios contidos no Verbo-Sabedoria”: corresponde à “ideia”, não “ser espiritual”. Para esse último, encontramos habitualmente em Orígenes o vocábulo *noerós*. Os bem-aventurados chegam, portanto, à contemplação do Mundo inteligível contido no Verbo. Orígenes distingue claramente o mundo inteligível das ideias e o das inteligências, preexistentes ou glorificadas (cf. Henri Crouzel & Manlio Simonetti, *Origène. Traité des Principes II* (Livres I et II), 153-154).

[8] Orígenes é o primeiro a usar a expressão “Deus-Homem”, que seria incorporada definitivamente no vocabulário da teologia. O Alexandrino introduz o conceito da alma de Jesus e vê nessa alma preexistente (que desce ao seio de Maria na Encarnação) o laço de união entre o *Logos* infinito e o corpo finito de Cristo: o *Logos* assumiu um corpo verdadeiro.

[9] A afinidade entre *psychē*, alma, e *psychros*, frio, é feita de forma diferente em outros autores, tanto filósofos como teólogos, e nem sempre tem o caráter pejorativo que lhe dá Orígenes. (N.T.)

[10] Aqui o leitor moderno sente-se desconcertado, pois Orígenes organiza o seu pensamento em torno do esquema da queda das almas e de seu reerguimento. A queda aqui admitida implica a crença na preexistência das almas, que procede de Platão, mas que Orígenes lia também em escritos judaicos. Em um desígnio de salvação, Cristo também realizou por amor um movimento de *descida* (*kénosis*; cf. Fl 2) e de *reerguimento* (*ressurreição*).

## ÍNDICE

- O mundo e as criaturas
  - 1. O mundo
  - 2. A eternidade da natureza corporal
  - 3. O começo do mundo e suas causas
  - 4. O Deus da Lei e dos profetas é o mesmo que o Pai do Senhor Jesus Cristo
  - 5. O justo e o bom
  - 6. Como o Salvador revestiu a natureza humana
  - 7. O Espírito Santo
  - 8. Sobre a alma
  - 9. Do mundo, dos movimentos das criaturas racionais, boas ou más, e das suas causas
  - 10. A ressurreição
  - 11. As promessas
- Notas